



CONAHCYT



ENTREVISTA A ELIANA DUTRA

Entrevistadora:

Verónica Zárate Toscano,  [0000-0001-6517-1706](https://orcid.org/0000-0001-6517-1706)

Lugar y fecha de entrevista:

México-Belo Horizonte, Brasil, 8 de febrero de 2023

Edición disponible en:

<https://doi.org/10.59950/IM.129>

Citación sugerida:

Zárate Toscano, V. (2024). *Entrevista a Eliana Dutra* (Transcripción de entrevista; IM.129.03).

Maquetación en \LaTeX :

Mario Alberto Ramírez León

Derechos:

Esta obra está protegida bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Eliana Regina de Freitas Dutra a. Eliana Dutra (1951, Caeté, Brasil). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo em 1990. Especialista em história do Brasil, principalmente em intelectuais, nação, identidade nacional, cultura política, memória histórica, imaginário político, livros e edições, anos 1930. Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Vice-Presidente do Comitê Internacional de Ciências Históricas para o período 2010-2026.

ENTREVISTA A ELIANA DUTRA

México-Belo Horizonte, Brasil, 8 de fevereiro de 2023

Hoy es miércoles 08 de febrero de 2023, estoy con Eliana Dutra. Buenos días desde México y buenas tardes a Belo Horizonte. Primera pregunta: ¿Cuáles son tus orígenes familiares y académicos?

Eu nasci em uma família de classe média que cultuava os livros e incentivava a leitura, filha de mãe professora primária -formada por expoentes da geração escolanovista¹ no Brasil dos anos 30- e pai funcionário de uma companhia siderúrgica, a Companhia “Ferro Brasileiro”,² a qual era de capital francês. Aliás, a usina desta companhia chama-se usina Gorceix³, em homenagem à Claude Henri Gorceix que foi um cientista,⁴ um engenheiro francês, figura próxima a Dom Pedro II,⁵ que esteve no Brasil por um bom tempo e foi o criador, em 1876, por iniciativa do Imperador, da Escola de Minas de Ouro Preto. Esta instituição é, ainda hoje, um centro importante de ensino, de grande respeitabilidade sobretudo na área dos estudos sobre mineração.

A cidade onde eu nasci é uma cidade antiga, relativamente próxima a Belo Horizonte, chamada Caeté -um nome indígena-, cuja história faz parte das desventuras da história da mineração no Brasil. Caeté foi palco, no início do século XVIII, da denominada Guerra dos Emboabas (1707-1709), disputa histórica em torno da exploração das jazidas de ouro então descobertas.⁶

¹ Geração de educadores, tais como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Mário Casassanta, Lourenço Filho, que introduziram reformas inovadoras na educação brasileira, a chamada Escola Nova, com vários segmentos em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e que se disseminou por todo o país na década de 1930. Diana Gonçalves Vidal, “80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate”, *Educação e Pesquisa*, Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 39, n. 3, jul./set. 2013, pp. 577-588.

² Surgida inicialmente em 1925 com o nome de J. S. Brandão & Cia, com um simples forno para a fabricação de ferro gusa, tendo sido incorporada em 1931 pela Companhia Ferro Brasileiro. <https://www.opiniaocaete.com.br/a-cia-ferro-brasileiro/>

³ Companhia Siderúrgica Franco-Brasileira, Usina Gorceix.

⁴ Christiano Barbosa da Silva, “Claude Henri Gorceix: the man, teacher and work”, em *Revista Escola de Minas*, vol. 67, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 319-340.

⁵ Dom Pedro II, (1825-1891), “segundo e último imperador do Brasil. Tornou-se príncipe regente aos cinco anos de idade, quando seu pai Dom Pedro I abdicou do trono. Aos 15 anos, foi declarado maior de idade e coroado imperador do Brasil. O seu reinado, que durou quase cinquenta anos, começou em 23 de julho de 1840 e terminou em 15 de novembro de 1889, quando um Golpe Militar foi encenado para estabelecer a República”. <https://brazilianhistory.net/es/biografia-emperador-dom-pedro-ii/> Para uma biografia incisiva, ver Lilia Moritz Schwarcz, *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988

⁶ “A Guerra dos Emboabas foi uma disputa armada ocorrida entre os anos de 1707 e 1709, pelo direito de exploração das minas de ouro, na região de Minas Gerais”, entre os paulistas e os “emboabas” (nome pejorativo dado aos forasteiros que usavam botas). <https://www.todamateria.com.br/guerra-dos-emboabas/>

Embora não tenha sido uma área tão rica em ouro, como Ouro Preto,⁷ sempre foi uma região riquíssima em minérios, sobretudo de ferro. Nessa cidade vivi infância, adolescência e início da idade adulta, lá fiz meus todos os meus estudos básicos e secundários, sempre em escolas públicas as quais foram muito importantes na minha formação e na minha sensibilidade social e histórica. Na escola primária, situada no bairro próximo à usina, havia uma convivência de crianças de todos os extratos sociais, pois ali estudavam os filhos dos franceses da companhia, os dos funcionários, e também os filhos dos operários. Não muito distante da cidade antiga foi construída a usina e em torno dela quase uma outra cidade, a qual abrigava, em distintas segmentações e designações do seu traçado, a classe trabalhadora, os funcionários da companhia, os profissionais liberais, que atuavam em torno da dela, e as famílias francesas do quadro dirigente e técnico da Ferro Brasileiro. Eu vivi nessa parte nova da cidade, chamada de José Brandão, e a escola que eu frequentava também estava localizada na mesma área. Quando terminei os estudos primários eu fui fazer o curso ginásial e, posteriormente, prossegui com o que hoje chamamos aqui no Brasil de segundo grau do ensino médio, o qual precede o curso superior. O acesso ao ginásial era um momento em que os colegas da escola elementar se dispersavam, o que então deixava mais claro as divisões sociais da cidade, na qual havia uma classe trabalhadora muito grande. Quanto se terminava a escola primária, elementar, uma parte dos jovens, os de classe alta e média, iam fazer o que seria o ginásio -escola secundária-, e os outros, os filhos dos operários normalmente seguiam as carreiras técnicas, de formação específica, necessárias à reprodução da força trabalhadora da usina em uma escola que foi criada pelo governo de Getúlio Vargas⁸ de qualificação de mão de obra, que se chamava SENAI.⁹ No primário estávamos todos juntos no espaço escolar, depois nesse momento havia uma separação. Muitos dos meus colegas, tão inteligentes, não puderam, ou talvez sequer tenham cogitado, continuar os estudos, e se tornaram, naturalmente, operários na usina. Esta experiência, me lembro bem, foi dolorosa para mim.

Na minha família, aos poucos fomos vindos morar em Belo Horizonte,¹⁰ para poder cursar a universidade. Eu fiz o vestibular para a Universidade Federal de Minas Gerais¹¹ e iniciei o curso de história em 1971. Terminei o curso e, na sequência fiz o mestrado na mesma universidade, na área de ciências políticas. Este era um curso muito reputado –tinha apoio da Ford Foundation- uma grande referência nessa área de estudos no Brasil à época. A passagem por esse domínio me deixou uma marca fundamental: a consciência da necessária perspectiva teórica e conceitual nos estudos históricos e naturalmente, o gosto pela dimensão política na

⁷ “Fundada no final do século XVII, a cidade de Ouro Preto foi o ponto de encontro dos garimpeiros e o centro da exploração do ouro no Brasil do século XVIII.” <https://whc.unesco.org/es/list/124>

⁸ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), presidente da República do Brasil de 1930 a 1945 e novamente em 1951-1954. Alejandro Groppo, *Los dos príncipes: Juan D. Perón y Getulio Vargas: Un estudio comparado del populismo latinoamericano*, Buenos Aires, Editorial Eduvin, 2009.

⁹ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI, Criado em 22 de janeiro de 1942.

¹⁰ “Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais e principal município da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Localiza-se na região Sudeste do Brasil e é considerada a quarta maior cidade em população do Brasil”. <https://www.cideu.org/miembro/belo-horizonte/>

¹¹ “UFMG, instituição pública de ensino superior gratuito, é a mais antiga universidade do estado de Minas Gerais. Sua fundação ocorreu em 7 de setembro de 1927”. <https://ufmg.br/>

história. Ainda assim, quando defendi a dissertação estava segura de que eu queria mesmo era retornar ao campo da história e da historiografia. Então, fui fazer o doutorado em História Social na Universidade de São Paulo,¹² o que foi bastante conveniente para mim na ocasião com dois filhos pequenos. No mestrado eu fiz uma dissertação,¹³ depois transformada em livro, com o título de *Caminhos Operários nas Minas Gerais*,¹⁴ e não por acaso. Afinal, eu nasci e vivi numa cidade com forte marca operária em que eu pude vivenciar a estratificação social, a diferenças e as exclusões de classe. Eu me lembro quando por volta dos meus 15 ou 16 anos eu li o *Germinal*¹⁵ e eu fiquei profundamente tocada. Considero que a minha percepção da cidade se aguçou, e minha empatia social com a classe trabalhadora veio, em boa medida, da leitura desse livro do Émile Zola. As circunstâncias, ainda que distantes e diversas, daquele mundo do trabalho, que com seu naturalismo literário ele descreve quase cientificamente, me fizeram compreender melhor as separações e as dores de classe. Então o Zola foi um pouco meu professor, na percepção dessas diferenças sociais. E quando eu entrei na universidade nos anos 70, em um momento do auge da Ditadura Militar, da repressão aos sindicatos de trabalhadores, aos estudantes, à esquerda, e aos partidos políticos, ter empatia com a classe trabalhadora e com esses grupos era parte da oposição ao governo militar. O fim da ditadura, de fato, só se concretizou nos anos oitenta quando eu já estava no mestrado. Durante o período em que fiz minha graduação -de muito boa qualidade apesar do ambiente hostil à liberdade de pensamento- imperavam as proibições, e o ambiente geral era de uma censura muito ampla no Brasil, dentro e fora da universidade. Daí que, em anos decisivos da minha formação universitária eu vivi em um tempo no qual ainda estava vigente o “Ato institucional número cinco”,¹⁶ que foi o ato mais terrível que suspendeu todas as liberdades políticas de associação, de reunião, com uma censura muito dura e com a mão do Estado atuando de forma extremamente violenta e pesada sobre a sociedade civil, em especial sobre os movimentos sociais. Estando já no mestrado eu pude, a partir da universidade, não só acompanhar, mas participar de momentos decisivos e de várias iniciativas que foram extremamente importantes para a volta da liberdade política e de expressão, enfim para a volta da redemocratização do país, os quais levaram ao fim daquele período terrível: o do regime militar do Brasil. Naquele momento já estava em curso no país uma série de movimentos de resgate da cidadania política. Se nos anos 60/70 da ditadura os sindicalistas tinham sido cassados, presos, alguns mortos e tudo mais, nos anos 80 emergiu a reação com o

¹² “Criada em 1934, a USP é uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo e vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação”. <https://www5.usp.br/>

¹³ Eliana de Freitas Dutra, “Comportamento operário nas Minas Gerais. Belo Horizonte/Juiz de Fora, 1917-1930”, Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 1981.

¹⁴ Eliana de Freitas Dutra, *Caminhos operários nas Minas Gerais. Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na primeira República*, São Paulo, HUCITEC/IINL, 1989.

¹⁵ Émile Zola, (1840-1902), *Germinal*, Paris, Charpentier, 1885 (Les Rougon-Macquart).

¹⁶ “O Ato Institucional nº 5, comumente conhecido como AI-5, foi um decreto promulgado pela Ditadura Militar durante o governo de Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. O AI-5 é considerado o marco que inaugurou o período mais sombrio da ditadura e concluiu uma transição que efetivamente estabeleceu um período ditatorial no Brasil”. <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-ai-5.htm>

surgimento de um novo sindicalismo, do qual surgiu por exemplo a liderança de Lula,¹⁷ então no âmbito do sindicalismo do chamado ABC Paulista.¹⁸ E isso teve muitas repercussões também no interior da universidade. Naquele momento houve uma retomada e um aprofundamento muito grande das leituras marxistas, e da história social marxista. Autores como Eric Hobsbawm,¹⁹ Christopher Hill,²⁰ Maurice Dobb,²¹ Paul Sweezy,²² e vários outros eram muito

¹⁷ Luiz Inácio Lula da Silva, (n. 1945), candidato pelo Partido dos Trabalhadores, foi presidente de 2003 a 2011 e regressou em janeiro de 2023 para um quarto mandato depois de derrotar Jair Bolsonaro, que procurava a reeleição. https://www.cidob.org/es/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/brasil/luiz_inacio_lula_da_silva

¹⁸ ABC paulista, uma região industrial formada por sete municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Foi lá que Lula iniciou seu trabalho sindical e nasceu o movimento de renovação da esquerda. Ver Tanya Patricia Lavanderos Yáñez y Georgina Yescas Angeles Trujano, “El efecto del gobierno de Luis Inácio Lula da Silva y la renovación de la izquierda latinoamericana: el modelo brasileño como opción de responsabilidad económica y justicia social!”, tesis de licenciatura en Relaciones Internacionales, Universidad de las Américas, Puebla, 2005. http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lri/lavanderos_y_tp/

¹⁹ Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012), historiador britânico nascido no Egito, professor de Historia Social y Económica del Birkbeck College, en la Universidad de Londres. <https://www.bbc.com/mundo/noticias/2012/10/121001_hobsbawm_muere_perfil_dp>. [Consulta 23 de enero de 2024.] Autor de uma série de livros sobre as épocas do mundo moderno. *The Age of Revolution: Europe 1789-1848*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1962 [*La era de la revolución*, Barcelona, Editorial Crítica, 2003]. *The Age of Capital, 1848-1875*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1975 [*La era del capital (1848-1875)*, Barcelona, Crítica, 1988]. *The Age of Empire, 1875-1914*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1987 [*La era del Imperio (1875-1914)*, Barcelona, Crítica, 1998]. *The Age of Extremes: the short twentieth century, 1914-1991*, London, Michael Joseph, 1994 [*Historia del siglo XX*, Barcelona, Crítica, 1998] É também o autor, com Terence Ranger, de *The invention of tradition*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983 [*La invención de la tradición*, Barcelona, Crítica, 2002].

²⁰ Christopher Hill (1912-2003), historiador marxista britânico da Universidade de Oxford. Autor de, entre outros *The World Turned Upside Down: Radical Ideas During the English Revolution*, London, Maurice Temple Smith, 1972, traduzido como *El mundo trastornado. El ideario popular extremista de la Revolución inglesa del siglo XVII*, Madrid, Siglo XXI, 2015. <https://www.sinpermiso.info/textos/christopher-hill-y-la-recuperacion-de-la-historia>

²¹ Maurice Herbert Dobb (1900-1976), economista inglês, marxista. “Estava particularmente interessado em compreender as teorias económicas, contextualizando-as no seu espaço e no seu tempo, e desmistificando os antagonismos para concluir que tanto a Economia Política como a Economia Neoclássica estavam preocupadas com questões diferentes”. <https://herder.com.mx/es/autores-writers/maurice-dobb> Autor, entre otros de *Studies in the development of capitalism*, London, George Routledge, 1946 [*Estudios sobre el desarrollo del capitalismo*, Buenos Aires, siglo XXI Argentina, 1971].

²² Paul Marlor Sweezy (1910-2004), economista marxista americano. Utilizou “o método de análise marxista para fazer avançar a compreensão das questões mais importantes dos acontecimentos recentes, especialmente desde o fim da Segunda Guerra Mundial”. Véase Arturo Bonilla Sánchez, “Paul M. Sweezy. Un gran marxista -In memoriam”, en *Problemas del desarrollo*, vol.36, n.140, Ciudad de México, ene./mar. 2005 https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0301-70362005000100010 Autor, entre otros, de *The Theory of Capitalist Development. Principles of Marxian Political Economy*, New York, Monthly Review Press, 1942.

lidos e na sequência vieram George Rudé²³ e E. P. Thompson.²⁴ Obviamente havia interesse muito grande pela história do capitalismo, da transição, mas especialmente pela história dos trabalhadores no Brasil e pelos movimentos sociais. Tocada por essa efervescência política e intelectual eu acabei então fazendo uma dissertação de mestrado sobre o movimento operário entre as décadas de 10 e 30 do século XX. Tive a sorte e o privilégio de ter como orientador um dos maiores historiadores brasileiros: José Murilo de Carvalho,²⁵ docente, naquela ocasião, no mestrado de Ciência Política. Inspirada pelas promessas da história social eu fiz um trabalho sobre a história do movimento operário em Minas Gerais em que busquei contrastar duas situações: de um lado a situação de uma cidade operária, a de Juiz de Fora,²⁶ que foi uma cidade que se desenvolveu com o capital das plantações e do comércio do café. Este capital cafeeiro acabou sendo investido -e isso foi muito comum no Brasil, em São Paulo outras cidades- em várias atividades industriais. E então boa parte das fábricas, sobretudo de tecelagem, foram instaladas em Minas, nessa região muito próxima ao Rio de Janeiro e de centros produtores de café. E, de outro lado, eu contrastava isso com Belo Horizonte cujo operariado não tinha vínculo fabril e que em sua maioria eram artífices da construção civil que se ocupavam da construção da cidade, a qual era uma cidade de funcionários públicos. Belo Horizonte foi uma cidade planejada pelo poder republicano, fundada em 1897 para substituir Ouro Preto, a antiga capital da Província, quando ainda no Império. Em Belo Horizonte eram majoritários os trabalhadores que tinham noções de pintura, de modelagem, de escultura, membros de uma classe trabalhadora que se

²³ George Rudé (1910-1993) historiador marxista britânico. “Produziu estudos pioneiros sobre a história e a sociologia da ‘multidão pré-industrial’ e ofereceu sínteses magistrais da Europa da ‘Era da Revolução’. Além disso, com os seus camaradas da ‘tradição historiográfica marxista britânica’, desenvolveu uma abordagem crítica do estudo do passado que ficou conhecida como ‘história a partir de baixo’ ou ‘de baixo para cima’, contribuindo para cultivar uma ideia mais democrática do passado e da construção do presente”. Ver “George Rudé y la historia desde abajo”, en *No cierres los ojos. Grupo Akal*, 12 de abril de 2018 <http://www.nocierreslosojos.com/george-rude-historia-abajo/> Autor, entre otros, de *The Crowd in the French Revolution*, Oxford, Clarendon Press, 1959 [*La multitud en la historia. Los disturbios populares en Francia e Inglaterra, 1730-1848*, México, siglo veintiuno editores, 1971] y *Revolutionary Europe, 1783-1815*, New York, Harper & Row, 1964 [*La Europa revolucionaria 1783-1815*, Madrid, siglo XXI, 1974].

²⁴ Edward Palmer Thompson (1924-1993), Historiador marxista britânico e estudioso dos movimentos sociais, nomeadamente no livro *The Making of the English Working Class*, London, Victor Gollancz Ltd., 1963 [*La formación de la clase obrera en Inglaterra*, prólogo de Josep Fontana, Barcelona, Crítica, 1989]. Em fevereiro de 2024, o Instituto Mora organizou o Colóquio “Centenário do nascimento de E. P. Thompson: olhares contemporâneos sobre a sua obra”, <<https://www.institutomora.edu.mx/Instituto/IE/Cartel%20vertical.jpg>>. [Consulta 23 de enero de 2024.]

²⁵ José Murilo de Carvalho (1939-2023), Cientista político e historiador brasileiro, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro da Academia Brasileira de Letras. N. López Rico, “El largo camino de la ciudadanía en Brasil: entrevista a José Murilo de Carvalho”, en *Meridional. Revista Chilena De Estudios Latinoamericanos*, 2016, (6), pp. 163–178. <https://scholar.google.com.uy/citations> Autor, entre outros, de *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, publicado em espanhol como *La formación de las almas: el imaginario de la República en Brasil*, Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, 1997, y de *Desarrollo y ciudadanía en Brasil*, México, Fondo de Cultura Económica, El Colegio de México, 1995 (Fideicomiso Historia de las Américas).

²⁶ Juiz de Fora, município brasileiro do estado de Minas Gerais, pertencente à Zona da Mata. <https://www.cideu.org/miembro/juiz-de-fora/>

deslocou para o Brasil; muitos deles vindos da Europa, muitos italianos e outros mais e que foram trabalhar sobretudo na construção da cidade e em pequenas oficinas fabris. Não se tratava de operários fabris como os da cidade de Juiz de Fora, na qual também havia muitos imigrantes. E eu então tentei compreender um pouco porque se desenvolveram nesses dois lugares tipos de movimentos sociais e de sindicalismos diferenciados, as relações com as forças do anarquismo, do socialismo, os contrastes com as experiências dos trabalhadores nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro e os contatos com as lideranças no país. Pensando sobre o lugar em que nasci e naqueles anos do começo da minha atividade como historiadora, que se deu no âmbito da ciência política, por vezes penso que o tema é que me escolheu e não eu a ele.

¿Has vuelto a Caeté, donde naciste? ¿Tienes relación con la gente de Caeté?

Quase nenhuma, minha família toda já veio embora há muitos anos, ainda na década de 70 do século XX. Eu vim no início de 1970 para Belo Horizonte a fim de me preparar para entrar para universidade, a maioria dos nossos amigos de lá se mudaram todos para cá e ou já estudavam aqui. Então, não mantive praticamente relações com a cidade, mas sempre tinha notícias de lá. Inclusive a de que de que a Companhia Ferro Brasileiro foi fechada em 1991, comprada por uma outra companhia de minério de ferro no Brasil, a Companhia Metalúrgica Barbará, pertencente a um aglomerado financeiro francês, o grupo Saint Gobain, que tinha se instalado em Volta Redonda.²⁷ A usina Gorceix, que produzia tubulações de ferro, acabou por ser fechada a partir do momento em que com as inovações tecnológicas aquelas tubulações de ferro foram se tornando obsoletas e deixaram de ser “econômicas”. Foi um duro golpe para os habitantes. Afinal a usina engendrou de forma preponderante a atividade econômica local, e congregou toda uma sociabilidade no campo do trabalho, na vida social e na organização urbana na parte nova da cidade onde eu nasci.

José Murilo de Carvalho fue una gran influencia para tu tesis, ¿cómo era trabajar con él?

Trabalhar sob a batuta José Murilo de Carvalho foi uma experiência muito forte para mim, seja do ponto de vista profissional, seja do humano: eu aprendi muito com ele em todos os sentidos. Mantivemos uma calorosa relação de amizade, e ele foi um leitor atento de tudo o que eu escrevia.²⁸ A versão da minha tese de doutorado que publiquei em livro, tem a marca da sua leitura, das suas sugestões para a edição, e assim também se passou com o meu livro oriundo da minha tese de professor titular e vários outros textos meus. Aprendi com ele a ser pesquisadora, a enfrentar os arquivos a perseguir a documentação e transformá-la com questões, sobre a importância do rigor conceitual e da busca da erudição, porém para ser usada de forma pontual. Eu não sei se tenho tido êxito, mas pelo menos eu tenho buscado aplicar as lições que ele me deu. Ele era muito cuidadoso com o estilo da escrita, e tinha preocupação com os leitores, os quais, segundo ele dizia “não conheciam necessariamente essas coisas que você está evitando narrar”. O esforço narrativo para ele era tão importante quanto a correta utilização dos referenciais teóricos. Ele era particularmente atento ao uso e à problematização dos dados empíricos, e

²⁷ Volta Redonda o Ciudad del acero, Município brasileiro do estado do Rio de Janeiro.

²⁸ José Murilo de Carvalho faleceu alguns meses depois de eu ter entrevistado Eliana, em 15 de agosto de 2023.

nesse ponto falava alto sua formação sociológica na qual buscou me iniciar, e sobre os quais ele sempre me interpelava. Me lembro, sobretudo, de uma vez em estava a analisando as reivindicações operárias as práticas das lideranças, me vi fazendo certas afirmativas e mesmo tirando certas conclusões críticas que o levaram a me perguntar: “quem é que sabe o que era bom para o movimento operário, eram eles ou é você?” E assim me ajudava a olhar a documentação me dizendo: olha, aqui é uma situação, é uma circunstância, é um momento, atenção com a questão da temporalidade para você não cometer impropriedades que não se aplicam àquele momento. Ele sabia como ninguém valorizar as descobertas da pesquisa, apontando a importância delas como um trunfo do pesquisador por conhecer a natureza das fontes. Enfim todo o tempo, ele foi uma pessoa que me conduziu de forma criteriosa e afetuosa. A minha experiência com o José Murilo de Carvalho, foi decisiva, eu diria mesmo para eu prosseguir como historiadora. Ele foi o mais historiador dos cientistas políticas que conheci.

¿Cómo pasaste de la historia obrera, de la historia minera, a la historia cultural que es a lo que te has dedicado después?

Na realidade, as inquietações no que toca questão da cultura, elas surgiram no meu trabalho já quando eu trabalhava o tema do movimento operário. Eu fiz uma dissertação com uma perspectiva muito mais sociológica, que era muito forte na ciência política, do que com uma preocupação com a questão cultural. Praticamente inexistiam pesquisas sobre a história do operariado, do sindicalismo e do movimento operário sobre Minas Gerais, diferentemente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Daí que eu estava muito preocupada em localizar fontes, ter documentos, em manusear dados, em construir tabelas, construir quadros, porque eu precisava localizar onde estava essa classe operária, qual era a sua condição, como ela estava distribuída, de onde ela vinha, onde ela atuava, e em quais setores. Então eu trabalhei muito com fontes oficiais do Estado, com os anuários estatísticos que, aliás, nessa época são maravilhosos, todos são belissimamente impressos, com uma impressão muito boa, de grande qualidade, todos bilingues, em português e em francês, eram muitíssimos bem elaborados. Além dos anuários me valí muito dos jornais de época, os locais e da imprensa de circulação nacional -a do Rio e de São Paulo- com os documentos das associações operárias, com os jornais operários, fiz entrevistas com sobreviventes operários -algumas pessoas que ainda viviam ou foram filhos de lideranças e de trabalhadores, que participaram das greves, das negociações-. Assim tentei de toda forma me cercar das fontes possíveis e de natureza diferente. Trabalhei com a documentação política, com os anais da câmara, não só do município, mas como do estado de Minas Gerais, dos anais da assembleia legislativa estadual para acompanhar os debates sobre o mundo e a legislação do trabalho entre os deputados e seus posicionamentos frente à chamada questão operária, à época considerada pelo governo e pelas elites políticas como uma questão de polícia. Enfim, eu trabalhei com todo esse material com um certo esforço sociológico, não só histórico, ao tentar situar a formação dessa classe, como essa classe se constituía, as atividades econômicas com as quais se relacionavam, enfim todas essas questões. Mas escrevendo o trabalho, eu comecei a me dar conta do peso das diversas questões culturais. Em Belo Horizonte, por exemplo houve um peso muito grande da igreja, com a famosa encíclica de Leão XIII em que ele criticava os

exageros do liberalismo.²⁹ Então por isso em Belo Horizonte se constituiu inclusive uma outra tradição de negociação no interior do movimento operário menos combativa do que era a dos anarquistas e com políticos católicos tentando intermediar os conflitos já que o Estado era o grande empregador. Os anarquistas e socialistas tinham vínculos culturais alimentados por uma sociabilidade bem particular e algumas de duas práticas foram utilizadas pelos operários cooptados por lideranças católicas que se aproximavam dos movimentos sociais. Os socialistas, por sua vez, tiveram um papel importante, sim, mas eles tiveram que ter um enfrentamento no interior dos diferentes grupos do movimento operário Belo Horizontino. Exatamente por conta das questões das influências que vinham da igreja o que fez com que alguns operários, também por cálculo político, construíssem um tipo de associativismo e um tipo de sindicalismo, que nos anos 30 acabou por dar origem aos chamados círculos operários católicos e que em Belo Horizonte foram muito fortes.³⁰ Eu não diria que foi em um movimento contínuo, de linha reta, mas na realidade esses círculos fomentaram e deixaram uma espécie de cultura católica operária que acabou por fortalecer, nos anos 60, o movimento católico de esquerda no âmbito da igreja, a chamada: “Ação Popular”,³¹ que criou movimentos como o da Juventude Operária Católica,³² da Juventude Universitária Católica.³³ Alguns desses setores acabaram nos anos setenta, em grupos políticos de luta inclusive armadas. Eu me dei conta, analisando o tipo de relação estabelecida, no caso tanto no sindicalismo de Juiz de Fora como aqui, que havia alguns

²⁹ Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII sobre a situação dos trabalhadores, Roma, 15 de maio de 1891. https://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html

³⁰ “A preocupação com o meio operário por parte da Igreja Católica se manifesta desde o final do século XIX, com a Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII. No Brasil, em 1915, a Circular da Pastoral Coletiva dos Bispos Brasileiros já demonstrava grandes temores com relação às crescentes manifestações de trabalhadores. Em 1917, a presença na capital paulista de uma Confederação Católica dos Círculos Operários e o funcionamento de uma Imprensa Operária Católica e de vários Centros Operários Católicos em cidades como Ribeirão Preto, Jundiaí, Campinas e em bairros da cidade de São Paulo expressava inquietações da Igreja Católica em penetrar nesse meio operário e trabalhá-lo.” https://www5.pucsp.br/cedic/semui/colecoes/circulos_operarios.html Ver também Jessie Jane Vieira de Souza, *Círculos operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ; Ciências Humanas e Sociais, 2002.

³¹ Ação Popular (AP), organização de esquerda das décadas de 1960 e 1970. Reginaldo Benedito Dias, “A história da Ação Popular”, em *A Terra E Redonda Eppur Si Muove*, 25/08/2021, <https://aterraeredonda.com.br/a-historia-da-acao-popular/>

³² “A Juventude Operária Católica foi fundada em Bruxelas (Bélgica), em 1923, pelo Sacerdote belga Joseph Cardjin, oriundo de família operária. [...] Os primeiros grupos da JOC no Brasil foram criados a partir de iniciativas esparsas ainda nos anos 1920, adquirindo maior importância a partir de 1947, ano de realização da Primeira Semana Nacional de Estudos, em São Paulo, momento em que a ACB começava a se reorganizar. Quando da visita do Padre Cardjin ao Brasil, em 1948, a JOC oficializou-se em bases nacionais.” https://www5.pucsp.br/cedic/semui/colecoes/circulos_operarios.html

³³ “Para além de práticas esparsas e oficiosas, a origem oficial do Movimento Juventude Universitária Católica se deu com a promulgação do Estatuto da Ação Católica Brasileira em 1935 e a integração da AUC nos quadros da Ação Católica Geral em 1937. [...] A Juventude Universitária Católica, como os demais Movimentos da AC, baseava também sua ação no método VER (constatar a realidade); JULGAR (analisar a realidade) e AGIR (transformar a realidade), que, posteriormente, foi substituído pelo ideal histórico, onde a reflexão sobre a realidade voltava-se para questões temporais, sempre à luz de princípios universais cristãos”. https://www5.pucsp.br/cedic/semui/fundos/juventude_universitaria.html

aspectos, responsáveis pela mobilização, pelas demandas, pela força associativa dos grupos e da solidariedade praticada durante as greves que tinha a ver com elementos da cultura e com a vida dos operários fora das fábricas, das construções, das oficinas e dos sindicatos, com suas crenças, com sua vida cotidiana em espaços fora do trabalho. Desde essa época, eu comecei a me dar conta, que se eu tivesse de fazer uma segunda tese sobre o movimento operário, eu teria feito sobre o tema da cultura operária. Na altura da finalização do meu mestrado, no começo dos anos 80, este tema vinha ganhando força com novas leituras e novas pesquisas a exemplo das realizadas na UNICAMP.³⁴ Me lembro por exemplo dos trabalhos do historiador, americano, o Michael Hall.³⁵ Mas quando me decidi pelo doutorado o projeto que eu montei acabou ficando mais voltado para entender um pouco as relações do operariado com alguns eventos sociais e políticos mais complexos, que na realidade antecederam a ditadura de Vargas, a exemplo da famosa insurreição da Aliança Nacional Libertadora em 1935,³⁶ e eu acabei me afastando do foco na cultura operária. Eu optei por me debruçar sobre essa dimensão política e na inserção política dos operários em uma dada conjuntura política, saindo de Minas Gerais para pensar mais a dimensão nacional e as vinculações que os operários tiveram com o movimento da Aliança Nacional Libertadora, ANL, que culminaram nas insurreições de 35. E aí, eu tive um outro orientador,³⁷ já estava em São Paulo,³⁸ o Adalberto Marson de quem, a exemplo de José Murilo, com sua seriedade, rigor, exigências e também generosidade, deixou marcas importantes, decisivas na minha formação e na minha trajetória intelectual. Com ele meu projeto de pesquisa ganhou uma outra envergadura quando estimulada por ele a situar a minha pesquisa sobre a ANL na perspectiva da sincronia e não da diacronia. Ao fazê-lo em vez de seguir a ANL na sua duração, busquei seguir as direções e aí eu me deparei com a questão da cultura de novo

³⁴ Universidad Estatal de Campinas, en el estado de São Paulo. <https://www.unicamp.br/unicamp/>

³⁵ Michael McDonald Hall (n. 1941) historiador de origem americana, desde 1975 professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, especialista em história do trabalho, anarquismo e movimento operário no Brasil. Foi um dos fundadores do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), o maior arquivo especializado em história do trabalho na América Latina. Ver Paulo Fontes y Francisco Barbosa Macedo, “Entrevista com Michael Hall”, em *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, v. 29, n. 59, Sep-Dec 2016, pp. 813-1846. <https://www.scielo.br/j/eh/a/vVq8zGzw4Fw9D5fq5WW8VdH/?lang=pt> Publicou, entre outros, com Paulo Sérgio Pinheiro, *A classe operária no Brasil: 1889-1930*, v. 1, *O movimento operário*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1979 e v. 2, *Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*, São Paulo, Brasiliense/Campinas, Funcamp, 1981.

³⁶ “Em 30 de março de 1935, teve lugar, no teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o lançamento público da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Era constituída uma ampla frente formada por setores representativos da sociedade brasileira da época, mobilizados em torno de quatro objetivos principais: luta contra o avanço do integralismo (o fascismo brasileiro) e do fascismo no cenário mundial, e luta contra a dominação imperialista e o latifúndio no país”. Anita Leocadia Prestes, “A atualidade da Aliança Nacional Libertadora”, em Caridad Massón (dir.), *Las Izquierdas Latinoamericanas. Multiplicidad y Experiencias durante el Siglo XX*, Santiago, Ariadna Ediciones, 2017, pp. 79-95. <https://books.openedition.org/ariadnaediciones/804?lang=es>

³⁷ Adalberto Marson, professor brasileiro do Departamento de História da USP e, posteriormente, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Autor, entre outros, de *A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres*, São Paulo, Editoras Duas cidades 1975; com Angela M. C. Araújo, de *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*, São Paulo, Scritta, 1997.

³⁸ Universidade de São Paulo, criada em 1934, a USP é uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo e vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. <https://www5.usp.br/>

para além da cultura operária. Me vi frente às relações entre diferentes setores sociais entre si, não apenas com a classe operária, e me deparei com uma coisa que me chamou muito atenção, que foi a construção de um imaginário político. E como que esse imaginário político, elaborado com elementos presentes de forma arraigada na cultura brasileira, foi decisivo para as batalhas sociais e políticas que foram travadas nos anos 30 no Brasil e deixaram marcas que atravessaram décadas e persistem ainda hoje, de forma modificada, mas nem por isto menos tocos, a exemplo da cultura do anti-comunismo. Nos anos 30 havia de um lado, um movimento mais de esquerda, mais progressista articulado em torno da Aliança Nacional Libertadora, e de um outro lado, a perspectiva do poder, do governo Vargas, numa direção conservadora, uma direção nacionalista, de um nacionalismo de direita pródigo na elaboração de representações que nutriam uma série de identificações do conservadorismo político. De novo a questão cultural aparece e com elas as questões afetivas também. E aí eu fui descobrindo como é que esse imaginário foi sendo construído e como é que, na realidade, se tinha, de um lado, um imaginário, das forças da ordem e, de um outro lado, o imaginário construído pelas forças da esquerda. Então eu comecei exatamente a seguir as direções do discurso em mão dupla. Eu fui vendo que, em vez de eu tentar pensar –como fazia no início da pesquisa– em como era a inserção dos operários no entorno da Aliança Nacional Libertadora, ou seguir a história da aliança da sua criação até a sua finalização malsucedida, eu achei que era muito mais interessante tentar pensar como esse grupo amplo, progressista e de esquerda se articulava em relação à sociedade, e como a sociedade e o mundo da política reagiam e se posicionavam em relação a eles.

Aí eu percebi um panorama no Brasil impressionante e sinistro que apelava e se valia -no caso do imaginário político de direita- como forma de mobilização pelo medo e o temor da exclusão através do discurso patriótico da ordem, da família, enfim como é que foi se construindo um imaginário que oferecia elementos para a identificação das pessoas com a pátria, com o presidente, que se apresentava como a lei paterna, entre outras, e para as projeções e identificações que não eram indiferentes às necessidades do ego, tampouco da sombra de Tã-natos e de Eros. Eu trabalhei muito com o instrumental da psicanálise. Então esse meu estudo acabou resultando na tese intitulada “O Ardil Totalitário”,³⁹ sobre o imaginário no Brasil dos anos 30, onde eu tentei mostrar como se fazia o jogo das associações e projeções, como elas vão sendo construídas no interior de uma constelação imaginária. De um lado, no campo da direita e do discurso conservador das elites, há entre outras, vinculações com a figura do próprio Vargas; com a pátria enquanto um coletivo potente; como mãe, em que as relações não eram de cidadania e sim filiais. Havia todo um jogo de representações e de elaborações imaginárias nesse campo que confluíam na direção de uma ordem. Eu me perguntava como é que esse discurso político foi se construindo e instrumentalizando a criação de um tipo de propaganda política, e a quem essa propaganda política estava direcionada. E do outro lado, da esquerda e das forças progressistas? Que elementos foram acionados na construção do seu imaginário? Que associações ele provocava? Que representações elaborava? Qual era seu o tipo de direcionamento? Foi interessante ver como a ANL foi o pano de fundo de elaborações imaginárias

³⁹ Eliana de Freitas Dutra, “O Ardil Totalitário ou a Dupla Face na Construção do Estado Novo no Brasil”, Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil, 1990.

entre forças sociais rivais. Porque ambos os discursos, tanto o da esquerda como o da direita, emergiram a favor ou contra a pauta programática da ANL e, sobretudo após os eventos da insurreição armada de 1935, que contou com expressiva participação de membros do Partido Comunista Brasileiro e quadros estrangeiros da Terceira Internacional. A ANL, e a sua insurreição, foram uma espécie de catalizadores das forças conservadoras, da direita integralista e da ditadura Vargas que fez seu ensaio oficioso em 1935 e não em 1937 quando se oficializou de fato. Se a direita oferecia a proteção através da ordem, da moral, dos valores cristãos, da defesa da propriedade e do trabalho produtivo tutelado e disciplinado, a esquerda oferecia, em contrapartida, a liberdade contra a ditadura de Vargas, a resistência contra as ameaças do fascismo local e internacional, do imperialismo, do latifúndio, da corrupção, da injustiça. Então eu fui vendo o trabalho com o endereçamento dessas ofertas da direita e da esquerda, as associações de imagens que vinham com elas, as ameaças difundidas as manipulações e os apelos com base nos substratos culturais, as representações do outro, o inimigo, ou o redentor, as projeções no inimigo, fosse ele o comunista, o burguês capitalista, o latifundiário, o liberal, o ateu, o miscigenado, enfim como que esse imaginário estava sendo construído. Estas questões da pesquisa me deram um outro impulso para pensar a cultura numa outra direção, mais ampla e diferente. Eu tentei pensar por quê o imaginário se organiza numa dinâmica de imagens, porque, e como opera com oposições, e porque para ter êxito vai articulando forças da esfera afetiva. Então a atenção a esses pontos me levou para o caminho da cultura, porque o imaginário está ligado a uma rede de significados culturais, simbólicos que tem que ser desvendada. Assim fui me dando conta o imaginário no Brasil dos anos 30, na ponta dos dois espectros políticos da direita e da esquerda, articulava seus conteúdos, entre outros, com a simbologia do mal e do sagrado; com as imagens da luz, da sombra; da verticalidade; com as representações relacionadas ao bestiário; com as metáforas orgânicas do corpo, da doença, da saúde, do remédio, entre outros, e tudo isto traduzido pela linguagem das utopias e dos mitos políticos e, ou, pela linguagem doutrinária. O que eu tentei fazer foi reconstruir os embates entre a direita e a esquerda, porque naquele ambiente esses dois grupos acabaram por dominar a cena dos discursos políticos: de um lado um discurso político anticomunista para o qual afluíram, liberais, católicos, a elite econômica e também a classe média, e de um outro lado o discurso político dos comunistas, apoiado em forças progressistas de esquerda heterogêneas, intelectuais, escritores, artistas, professores, operários, setores subalternos da hierarquia militar, e quadros partidários do PCdoB.⁴⁰ Porque a força, da esquerda no Brasil nesses anos 30, não era mais dos anarquistas o dos socialistas, porque o PCdoB já era hegemônico entre as forças de esquerda. Daí que ao fim se visualizava duas forças combativas: os comunistas de um lado, e seu projeto de revolução para o Brasil, e os anticomunistas do outro e seus respectivos projetos para o país, incluindo a construção de uma identidade social. Eu tentei trabalhar com as polarizações desses discursos e a atuação de seus agentes, tanto à esquerda, quanto à direita. É preciso lembrar que a esquerda era uma esquerda alinhada com teses da Terceira Internacional. Ao contrastar os dois imaginários, um anticomunista e outro da revolução, eu acabei descobrindo que as coisas eram um pouco diferentes do que eu imaginava, e, para minha surpresa verifiquei que as elaborações imaginárias

⁴⁰ Partido Comunista do Brasil: PCdoB.

com conteúdo distintos, convergiam ambas para uma utopia totalitária, e me espantei com a identidade do discurso dos opostos. Isto porque os dois imaginários eram articulados sempre em pares antitéticos e maniqueístas, pressupõem, entre outros, a eliminação do outro, a uma unificação absoluta de uma visão da sociedade como um só corpo orgânico, homogêneo, uno, capaz de assegurar, e dar, elementos de uma identidade social, um reconhecimento, e princípios para uma conduta coletiva. Então eu tentei mostrar exatamente como é que o campo do imaginário foi naqueles anos um dos campos decisivos para o enfrentamento político, onde você tinha uma luta que era praticamente das forças simbólicas, e como isso provocou uma série de ações na sociedade. Essa utopia atravessou os vários campos do exercício do poder político, bem como os enfrentamentos ideológicos de então. Esses meus achados e a minha conclusão fizeram com um leitor atento dissesse que meu livro é uma crônica trágica da cultura política brasileira. Aliás, quando eu defendi a minha tese, o trabalho ficou muito grande, eram dois volumes enormes para publicar, ia ter que mexer muito e eu fui deixando um pouco de lado. Custei a me decidir cortar e publicar. Mas, nela, e também na introdução do meu livro, eu conto que quando estava terminando de escrever, no final dos anos 80 e início dos 90 eu trabalhava impressionada pois esse foi o período da campanha política no Brasil em que o Lula perdeu para Collor de Mello.⁴¹ Eu digo que foi aí que eu aprendi, na história, a melhor lição sobre as durações, porque enquanto eu escrevia a tese, eu olhava para o que estava acontecendo nos jornais e o que eu via na propaganda política na televisão me fazia enxergar os anos 30. Quando eu voltava para minha documentação, eu enxergava nos anos 30, aquele final dos anos 80 e o início dos anos 90 anos no qual eu vivia. Então, eu fui vendo naquele momento a dimensão de atualidade daquele imaginário reatualizado, mas também a sua dimensão de paráfrase, e de repetição. Embora em plena vigência do regime democrático, a campanha política do Collor de Mello pôs em operação uma propaganda política que reforçava no Brasil as sobrevivências de um imaginário de tendência totalitária, com conteúdos imagéticos muito semelhantes àqueles que foram acionados nas disputas entre comunistas e anticomunistas do Brasil dos anos trinta. Isso me impressionou profundamente e eu tentei sinalizar isso. Minha pesquisa resultou na tese que mencionei e que, posteriormente resultou no meu livro: *O Ardil Totalitário. Imaginário Político no Brasil dos Anos 30*.⁴² A segunda edição do meu livro é muito bonita, melhor que a primeira, porque tem uma capa muito elaborada com base na obra de um pintor, o Lasar Segall,⁴³ cujo estilo era o mesmo dos artistas da chamada arte degenerada, na designação nazista. Essa edição acabou por se esgotar completamente no governo Bolsonaro.⁴⁴ Como a editora não tinha como fazer rapidamente uma nova edição impressa, decidi, face ao esgotamento,

⁴¹ Fernando Affonso Collor de Mello, (n. 1949), presidente do Brasil de 15 de março de 1990 a 29 de dezembro de 1992 pelo Partido da Reconstrução Nacional (PNR). https://www.cidob.org/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/brasil/fernando_collor_de_mello

⁴² Eliana de Freitas Dutra, *O Ardil Totalitário. Imaginário Político no Brasil dos Anos 30*, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Editora UFRJ/Editora UFMG, 1ª edição 1997, 2ª edição 2012 (impressa). Em 2020, a 2ª edição sai em E-book. <https://www.kobo.com/us/en/ebook/o-ardil-totalitario>

⁴³ Lasar Segall (1891-1957), pintor brasileiro de origem judaica-lituana. <https://artsandculture.google.com/entity/lasar-segall/m08b9hy?hl=es>

⁴⁴ Jair Bolsonaro, (n. 1955), Presidente do Brasil de 1 de janeiro de 2019 a 1 de janeiro de 2023 pelo Partido Liberal (PL). https://www.cidob.org/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/brasil/jair_bolsonaro

reproduzir a segunda edição em e-book. Várias pessoas me disseram: “eu estou entendendo, fui reler o seu livro e agora eu me dei conta de que isso aí é o que o Bolsonaro está dizendo e fazendo é como aquilo que está lá no imaginário anticomunista dos anos 30...”

¡Qué barbaridad!

Por exemplo, ele reabilita a campanha dos integralistas, sob a liderança de Plínio Salgado,⁴⁵ com o lema, “Deus, pátria e família”, e o reabilita, pela via do anticomunismo, na sua guerra cultural, anti-intelectualista, racista e violenta, o apelo à várias das representações daquele imaginário atuante na década de trinta.

Cambiando un poco de tema, entendí por qué tenías un acercamiento con Francia a partir de esa empresa francesa en tu ciudad natal. Sin embargo, tu formación fue en Brasil y fue hasta el momento de hacer un posdoctorado que decidiste ir a Francia. ¿Para estudiar nuestros países de Iberoamérica es necesario salir al extranjero?

Eu não acho que seja absolutamente necessário, mas é importante fazê-lo. Nós fazemos parte da cultura ocidental e sempre estivemos integrados em uma rede de circulação livresca e de conhecimentos. Temos ótimas bibliotecas, mas os nossos colegas europeus, nesse ponto também os americanos, têm bibliotecas maravilhosas, algumas com coleções antiquíssimas, com acervos de periódicos imensos e sempre atualizados, e também em certos casos, estudando há mais tempo alguns temas antes de nós. E o intercâmbio para troca de ideias, de experiências e acesso às vantagens das boas estruturas de pesquisa é uma condição da vida e acadêmica e de uma postura cosmopolita no campo dos saberes. No meu caso, não fui na realidade para a Europa, para estudar a questão do imaginário. A bem da verdade, o imaginário eu estudei com todos os instrumentos da minha formação brasileira e com a bibliografia brasileira e estrangeira, já sempre estamos update aqui com o que se publica fora do país. E aliás, sempre que podemos e temos oportunidade nós convidamos grandes nomes latino-americanos, europeus, norte-americanos para virem fazer conferências e apresentações cursos nas nossas universidades, hoje menos, depois da pandemia, mas mesmo depois dela e com as conferências online já nós mantivemos essa tradição. E não poucas vezes acontece uma coisa curiosa. Os convidados fazem ótimas conferências, mas as pessoas dizem assim: não teve novidade, eu já tinha lido isso. Por quê? Porque os universitários no Brasil circulam bastante, os editores traduzem muito, e as pessoas leem na universidade aquilo que é publicado nos grandes centros fora do país. O Brasil é um país que é diferente de vocês no México. A colonização espanhola na América foi diferente da portuguesa no Brasil: a Universidade de Santo Domingo, a Universidade do México, a Universidade de São Marcos de Lima, todas essas foram criadas no século XVI. As nossas não! Nós tivemos alguns cursos superiores; os primeiros datam do século XIX, nas chamadas profissões, caso das escolas superiores de medicina, de direito e de engenharia. Ou seja, as universidades do Brasil elas demoraram a sair do papel. Então o que aconteceu? Nós sempre estivemos lendo e estudando aquilo que se fazia nos grandes centros. Muitas das pessoas

⁴⁵ Plínio Salgado (1895-1975) escritor, periodista, pensador y político brasileño, fundador de la Acción Integralista Brasileña. Véase Cláudio de Cápua, *Plínio Salgado: Biografía*, São Paulo, Editor Ação, 1993

estudaram direito, por exemplo, no século XIX, em Coimbra, fazem cursos fora do Brasil. Isso se foi um pouco a nossa história. Não é que as universidades não foram aqui precoces, mas elas não acompanharam a vida brasileira. Isso não significa que as pessoas não liam, que não se formassem grandes bibliotecas, que não tivesse um ativo comércio de livro e de importação e mesmo de contrabando de livros, -que foi uma coisa impressionante- então se lia tudo. Havia bibliotecas no século XVIII, como em Minas Gerais com acervos famosos, mesmo com os controles das autoridades coloniais, com a censura régia, com a necessidade de autorização para o comércio. Tinham tudo em francês e em inglês, principalmente, também em alemão, as obras da área de ciências naturais, da filosofia, da história. Lia-se nas bibliotecas conventuais, nas bibliotecas privadas, então se lia muito, mas na realidade nós não tínhamos a universidade, a cultura universitária. A universidade aqui, ela demorou a ser construída. A pós-graduação também tardou, mas uma vez criada não demorou para se consolidar, então as pessoas faziam seus doutorados fora daqui, na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá. No Rio e em São Paulo, foi onde surgiram as primeiras universidades. Grandes nomes, por exemplo, da historiografia francesa, a exemplo de Fernand Braudel,⁴⁶ e da antropologia, caso de Claude Lévi Strauss,⁴⁷ do geógrafo Pierre Deffontaines,⁴⁸ deixaram marcas profundas na sua passagem pela USP, no começo das universidades no Brasil. Então nós sempre lemos, sempre compramos e sempre importamos livros sobretudo, e nunca tivemos problemas com a contribuição que vem do estrangeiro. E temos uma tradição cultural librofílica, não é? Minha geração comprou muito dos livros importados publicados, entre outros pela Fondo de Cultura do Mexico. Essa editora foi

⁴⁶ Fernand Braudel (1902-1985), historiador francês, membro da Escola dos *Annales*. Durante os anos em que esteve prisioneiro na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, Paris, A. Colin, 1949 [*El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, México, Fondo de Cultura Económica, 1953]. Nesta obra, desenvolve três grandes estratos: o do tempo geográfico e dos fenômenos de longa duração; o do tempo social ou de média duração; e o do tempo individual ou de curta duração. Além disso, para desenvolver uma história total, considera essencial estudar os efeitos da economia e da geografia. É também autor de *Civilisation matérielle, économie et capitalisme (XVe - XVIIIe siècles)*, Paris, Armand Colin, 1967 [*Civilización material, economía y capitalismo, siglos XV-XVIII*, Madrid, Alianza Editorial, 1984 3 vols.], onde concentrou o seu estudo naquilo que revelaria as estruturas subjacentes da história. Fundou a cátedra universitária de História em la Universidad de São Paulo em Brasil em 1935. <https://metahistoria.com/fernand-braudel/>

⁴⁷ Claude Lévi-Strauss (1908-2009) Antropólogo, filósofo e etnólogo francês, fundador da antropologia estrutural. Fez parte “da missão universitária francesa no Brasil, como professor de sociologia na Universidade de São Paulo. Chegou em 1935 e leccionou até 1938. Durante esse período e até 1939, organizou com a sua primeira mulher, Dina, etnóloga de formação, várias expedições etnográficas ao Mato Grosso e à Amazônia”. Véase Pedro Gómez García, “Claude Lévi-Strauss. Vida, obra y legado de un antropólogo centenario”, en *Gazeta de Antropología*, 2010, n. 26, https://www.ugr.es/~pwlac/G26_01Pedro_Gomez_Garcia.html Autor, entre outros, de *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, PUF, 1949.

⁴⁸ Pierre Deffontaines (1894-1978), geógrafo francês, destacado investigador na área da Geografia Humana. Em 1935, fundou o curso de Geografia na Universidade de São Paulo. Ver Horacio Capel, “Pierre Deffontaines y el desarrollo de la Geografía Humana”, *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, (Serie documental de *Geo Crítica*), Universidad de Barcelona, Vol. XIV, n. 810, 25 de enero de 2009, <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-810.htm> Autor, entre outros, de *El Brasil, la tierra y el hombre*, Barcelona, Editorial Juventud, 1944. Ver F. Ferretti, “Pierre Deffontaines et les missions universitaires françaises au Brésil : enjeux politiques et pédagogiques d’une société savante outremer (1934-1938)”, *Cybergeo*, 2014, <http://cybergeo.revues.org/26645>

assim nossa fornecedora, um dos suportes da tradução dos livros estrangeiros na América Latina, e que nós comprávamos. Então sempre cultivamos relações sempre muito estreitas com a bibliografia, com a produção historiográfica do estrangeiro no Brasil.

Eu me vali de autores de diferentes nacionalidades que foram fundamentais para o meu estudo do imaginário; eu trabalhei muito com Cornelius Castoriadis,⁴⁹ com Claude Lefort,⁵⁰ ambos notáveis na área da filosofia política na França, os quais foram basilares para o meu trabalho. Outros o que eu usei também, foram [Wilhelm] Reich,⁵¹ [Theodor] Adorno⁵² e inúmeros outros. Sigmund Freud⁵³ e Jacques Lacan⁵⁴ são referências universais no campo da psicanálise e foram muito instrumentais para minha análise dos imaginários políticos. Trabalhei no meu livro com esses autores, e muito outros que busquei para me ajudarem a pensar não só o totalitarismo, na sua forma de expressão imaginária, mas a questão da política, e das ideologias políticas. Trabalhei também com autores da antropologia política que me foram de grande

⁴⁹ Cornelius Castoriadis (1922-1997) Filósofo, economista e psicanalista francês de origem grega. Propôs o conceito de imaginário radical, que serve como ferramenta para desconstruir todos os mitos sociais, incluindo os aspectos inerentemente burocráticos do marxismo. Autor de, entre outros, *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. https://encyclopaedia.herdereditorial.com/wiki/Autor:Castoriadis,_Cornelius

⁵⁰ Claude Lefort (1924-2010) Filósofo francês conhecido pela sua reflexão sobre a noção de totalitarismo. Gilles Bataillon, “Claude Lefort, pensador de lo político”, *Nueva Sociedad*, n. 281, mayo-junio 2019, <https://nuso.org/articulo/claude-lefort-pensador-de-lo-politico/> Autor, entre outros, de *Le travail de l'oeuvre. Machiavel*, Paris, Gallimard, 1972 y de *A invenção democrática*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

⁵¹ Wilhelm Reich (1897-1957) Filósofo e psiquiatra austríaco que tentou realizar uma síntese entre o marxismo e a psicanálise e propôs a teoria do orgone. Reich postulou a necessidade de uma organização social autogestionária baseada no controlo racional -e não político- das actividades biológicas e na educação não repressiva das crianças. <https://wilhelmreichmuseum.org/acerca-de/biography-of-wilhelm-reich/?lang=es> Autor, entre outros, de *Die Massenpsychologie des Faschismus*, Köln, Kiepenheuer und Witsch, 1971, traduzido como *Psicologia de massa do fascismo*, São Paulo, Martins Fontes, 1972.

⁵² Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903-1969), filósofo alemão, membro da Escola de Frankfurt, estudioso de filosofia, sociologia e musicologia. https://encyclopaedia.herdereditorial.com/wiki/Autor:Adorno,_Theodor_Wiesengrund Autor, entre outros, de *The authoritarian personality*, New York, Harper & Brothers, 1950, traduzido como *La personalidad autoritaria*, Buenos Aires, Editorial Proyección, 1965.

⁵³ Sigmund Freud (1856-1939), neurologista austríaco e pai da psicanálise. Ver Jonathan García-Allen, “Sigmund Freud: biografía y obra del célebre psicoanalista”, mayo 30, 2015, Portal Psicología y Mente. <https://psicologiaymente.com/biografias/sigmund-freud> Autor, entre otros, de *Die Traumdeutung*, Leipzig & Vienna, Franz Deuticke, 1899 [*La interpretación de los sueños*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1923].

⁵⁴ Jacques Marie Émile Lacan (1901-1981), psiquiatra francés que hizo grandes aportaciones al psicoanálisis. Ver Alvaro Narvaiza, “Jacques Lacan: aportes al psicoanálisis desde la teoría Lacaniana”, Centro Psicológico Madrid, <https://www.psicologiamadrid.es/jacques-lacan-aportes-al-psicoanálisis-desde-la-teoria-lacaniana/> Autor, entre otros, *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, Paris, Librairie E. Le François, 1932, [*De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1998].

utilidade, a exemplo de Bronislaw Bazcko,⁵⁵ de Leszek Kochakowicz.⁵⁶ Também um autor como Ernst Kantorowicz,⁵⁷ foi fundamental para o meu trabalho. Mas eu fui mesmo para França para um período de pesquisa e estudos pós-doutorais. Eu queria trabalhar o tema da nação que apareceu para mim quando trabalhei o imaginário político do Brasil dos anos 30. Boa parte desse imaginário não só se reportava à ideia de pátria, mas ele era um imaginário que tinham uma marca nacionalista que se remetia a projetos, em curso, para a nação. Mas a pesquisa que fui desenvolver e buscar maiores elementos na França tinha outro recorte cronológico que antecedia os anos 30. Meu tema era nação em um momento de consolidação da República no Brasil, no início do século XX, e com pautas culturais e políticas, que surgidas nestes anos se tornaram posteriormente pautas do Estado brasileiro na década de 30. Eu diria especialmente durante o Estado Novo varguista, na sua estratégia de modernização e na sua política cultural, peça chave oficial do seu projeto de construção de uma identidade nacional para o país. Na verdade, eu recuei para a década de 10, em que há um debate muito interessante sobre os desafios para a nação republicana no Brasil, frente a uma certa decepção com a República vigente. Então, eu fui para Paris para trabalhar, não só com a questão da nação, a história desse conceito e de suas concepções, o estado da arte dos debates teóricos e historiográficos sobre esse tema, mas para pensar a disseminação de uma certa ideia de nação republicana, em uma literatura ordinária, que não era a dos grandes autores, mas numa literatura menor, cuja história é bastante ligada à França, que foi a literatura de *Almanaque*. De novo a cultura me chamando. E este foi um ponto de virada para mim, a entrada numa área que chamo de fronteira entre a história dos livros, da edição e da leitura e a história intelectual, na qual me instalei e venho transitando já há alguns anos. Eu trabalhei com o *Almanaque brasileiro Garnier*, criado pela Editora Garnier do Rio de Janeiro, por um dos membros da família proprietária da Garnier Frères de Paris.⁵⁸ Este almanaque -um almanaque de livraria- foi feito conforme a tradição do gênero, mas concebido de forma estratégica. Ele foi dirigido por um importante e influente intelectual republicano o qual também foi um importante historiador, o primeiro a conceber no Brasil uma interpretação republicana para a nossa história. Ele fez do *Almanaque* um instrumento pedagógico, uma ferramenta de difusão da causa republicana e de promoção da

⁵⁵ Bronislaw Bazcko (1924-2016), filósofo e historiador das ideias franco-polaco, trabalhou principalmente sobre o Iluminismo francês e a ideia de utopia. Considera que “a vida social [...] é produtora de valores e normas e, conseqüentemente, de sistemas de representação que os fixam e traduzem”. José Cegarra, “Fundamentos Teórico Epistemológicos de los Imaginarios Sociales”, in *Cinta moebio*, n.43, 2012, pp. 1-13, http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-554X2012000100001&lng=es&nrm=iso Autor, entre outros, de *Les imaginaires sociaux. Mémoires et espoirs collectifs*, Paris, Payot, 1984, [*Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1991].

⁵⁶ Leszek Kochakowicz, “O Diabo” em *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

⁵⁷ Ernst Kantorowicz, *Los dos cuerpos del rey*, Madrid, Alianza, 1985.

⁵⁸ “O *Almanaque Brasileiro Garnier* foi publicado entre 1903 e 1914, pela Livraria Garnier do Brasil, livraria e editora carioca que iniciou suas atividades em meados do século 19. Durante os quatro primeiros anos, Ramiz Galvão esteve à frente do *Almanaque*; sendo a direção depois assumida por João Ribeiro. A publicação era voltada essencialmente ao público urbano, especialmente do Rio de Janeiro, então capital da República, e de São Paulo, que começava a se industrializar. Entre seus leitores estavam funcionários públicos, profissionais liberais, comerciantes e estudantes de ensino médio e de escolas normais”. <https://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=31&sid=5>

nacionalidade brasileira com uma ênfase na história e na memória nacionais. Para este projeto eu contei na França com a supervisão honrosa de Pierre Nora,⁵⁹ na École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, especialmente sobre os temas da memória e da nação, e com a interlocução, igualmente preciosa de [Roger] Chartier,⁶⁰ e de [Jean-Yves] Mollier,⁶¹ com quem Chartier me colocou em contato. Assim pude aprofundar também as questões relativas à literatura de almanaques (a França foi pródiga na produção de almanaques) bastantes estudados no país, bem como em estudos sobre a história da edição, do livro, da leitura, e das publicações periódicas. A partir daí pude estabelecer duradouras parcerias de trabalho que resultaram em uma bolsa Past (Professeur Associé Temporaire) junto ao Centre d' Histoire Culturelle des Sociétés contemporaines (CHCSC) da Universidade de Versailles Saint-Quentin,⁶² por um período de três anos. Além da parceria de trabalho com Jean-Yves Mollier e Diana Cooper-Richet,⁶³ no CHCSC, construímos acordos de cooperação entre nossas universidades e grupos de pesquisa, realizamos colóquios, inclusive no Brasil, do qual resultou o livro *Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. Brasil. Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, organizado pelo Jean-Yves e por mim, com uma edição na França, em 2015.⁶⁴ Também meu livro *Rebeldes Literários da República*⁶⁵ foi, em boa parte preparado durante meu período no programa PAST no CHCSC, portanto também resultado do meu pós-doc. Nesse período pude contar também com o diálogo e a amizade de Serge Gruzinski⁶⁶ em cujos seminários colhi tantas boas ideias, precisei outras tantas e tive a oportunidade de ensaiar algumas reflexões depois registradas e editadas em papel. Na linha das pesquisas e sempre na fronteira entre a história dos livros, da edição e da leituras com a história intelectual, retornei à França, há alguns

⁵⁹ Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard, 1984-1992, 7 vols. 2^o edição Paris, Gallimard, 1997, 3 vols, (Quarto).

⁶⁰ Veja a entrevista a Roger Chartier em Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora, Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 39-52.

⁶¹ Jean-Yves Mollier (n. 1947) historiador francês especializado em história da edição. Autor, entre outros, de *Le commerce de la librairie en France au XIXe siècle (1798-1914)*, Paris, IMEC éd., Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1997.

⁶² <https://www.uvsq.fr/>

⁶³ Diana Cooper-Richet (n. 1944), historiador canadiano del Institut d'études culturelles et internationales de la Université Versailles St-Quentin-en-Yvelines. A sua tese de doutoramento apresentada na Université Sorbonne em 1976, "The National Federation of Miners, contribution to the history of French trade-unionism before WWI (1883-1914)" foi publicado como *Classe Operária e Literatura: Ensaios sobre as Representações e os Fenômenos de Aclturação (séculos XIX e XX)*, São Paulo, Editora Fap-UNIFESP, 2013, [*Le Peuple de la nuit. Mines et mineurs en France (XIXe-XXe siècles)*, Paris, Perrin, 2011].

⁶⁴ Eliana de Freitas Dutra et Jean-Yves Mollier (orgs.), *Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. Brasil, Europa e Américas. Séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006, [*L'Imprimé Dans la Construction de la Vie Politique. Brésil, Europe et Amériques (XVIIIe-XXe Siècles)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes (PUR), 2015].

⁶⁵ Eliana de Freitas Dutra, *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*, Belo Horizonte, UFMG, 2005.

⁶⁶ Ver a entrevista com Serge Gruzinski em Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora, Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 101-120.

atrás para um novo período de estudos e pesquisas na França, no qual trabalhei com François Hartog,⁶⁷ na EHESS, e com Jean-Yves Mollier, no CHCSC, com o projeto intitulado *Trajetos Intelectuais: Escritas do Público e Escritas da História na Coleção Brasileira. A presença da Revue de Deux Monde*, o qual resultou em um colóquio na UFMG, com a presença do François Hartog, Jean-Yves Mollier dentre outros colegas estrangeiros e brasileiros- e na organização do livro *O Brasil em Dois Tempos. História, Pensamento Social e Tempo Presente*,⁶⁸ com capítulos de todos os participantes.

Mi primer acercamiento a tu obra fue precisamente ese artículo sobre los “Lieux de Mémoire” que publicaste en Diogène,⁶⁹ pero veo en tu curriculum que has trabajado muchas cosas sobre la memoria.

Sim, e a questão da memória, no campo da pesquisa, começou a despertar meu interesse quando eu estava escrevendo a tese de doutorado que resultou no livro do *Ardil*, porque eu me dei conta de como aquele imaginário político invocava e se autorizava a construir certas referências de memória. Só para você ter ideia no período em que eu estudo, dos anos 30 até 1945, o governo Vargas -no auge da luta contra o anticomunismo- decide fazer, entre várias outras iniciativas, o traslado do corpo dos Inconfidentes, daqueles homens que tinham sido mortos na revolução na Inconfidência Mineira.⁷⁰ Eles resolvem trazer o corpo de figuras importantes para o Brasil. Eles começam a decidir pelo traslado de Dom Pedro I.⁷¹ Então isso aí foi uma questão me chamou muita atenção, porque eles vão criando referências, identificações para os sujeitos sociais, buscam mobilizá-los com a propaganda, de forma alinhada com o governo Vargas, e com o discurso da ordem, de forma a fixar certos repertórios da história, criando determinadas construções memoriais. No campo teórico, logo após meu doutorado comecei buscar os autores referenciais, na história, na filosofia, na sociologia, para pensar a problemática da memória e as relações com a história. Seria uma lista enorme citá-los aqui, mas todos me instigaram muito

⁶⁷ François Hartog (n. 1946), Historiador francês, membro do l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). No seu livro *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*, (Paris, Le Seuil, 2002), analisa os modos como se articulam as categorias de passado, presente e futuro, de acordo com a sua variação no espaço e no tempo. Ver Norma Durán R. A., “François Hartog, la historia y el ‘presentismo’ del presente”, en Norma Durán R. A., (coord.), *Epistemología histórica e historiografía*, México, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, 2017. (Biblioteca de Ciencias Sociales y Humanidades. Colección Humanidades. Serie Estudios), pp. 257-290.

⁶⁸ Eliana de Freitas Dutra (org.), *O Brasil em Dois Tempos. História, Pensamento Social e Tempo Presente*, Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

⁶⁹ Eliana de Freitas Dutra, “La fusion des races comme lieu de mémoire”, en *Diogène*, n. 191, automne 2000, Paris, pp. 32-46.

⁷⁰ “A Inconfidência Mineira, ou Conjuração Mineira, foi uma revolta de caráter separatista que estava sendo organizada na capitania das Minas Gerais no final do século XVIII pela elite socioeconômica de Minas Gerais e acabou sendo descoberta pela Coroa portuguesa antes de ser iniciada.” <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/inconfidencia-mineira.htm>

⁷¹ Pedro I (1798-1834). Primeiro imperador do Brasil, aonde chegou com a família real de Bragança aquando da invasão de Portugal por Napoleão. No regresso do seu pai à península, proclamou a independência e foi nomeado imperador, coroa que manteve de 1822 a 1831, altura em que abdicou a favor do seu filho D. Pedro II. <https://www.britannica.com/biography/Pedro-I>

e dentre eles eu lembraria de Maurice Halbwachs,⁷² Walter Benjamin,⁷³ Pierre Nora, Paul Ricoeur,⁷⁴ e tantos outros. Na minha pesquisa com o *Almanaque Brasileiro Garnier*, que resultou no meu livro *Rebeldes Literários da República*, eu trabalhei com a questão da história e da memória pois, afinal, naquela publicação de grande circulação há um trabalho memorial fortíssimo. O trabalho de Pierre Nora me municiou muito e também, o projeto editorial, sob sua direção, com os vários estudos que o integram, no caso, o *Lieux de Mémoire*.

Tú has escrito varios libros, pero también has transmitido tu saber a los estudiantes. Por lo que sé, has dado clase en distintos niveles en Minas Gerais. El problema es que, cuando menos en México, muchos de los estudiantes están más interesados por el pasado muy inmediato o por el presente, que por el pasado lejano. ¿Pasa algo así en Brasil?

Sim, sobretudo porque nesses últimos anos, eu acho que as forças, as energias afetivas, a disposição de engajamento no presente, de viver o presente, passou muito pela questão das vivências que foram colocadas na cena política pela chegada do governo de Jair Bolsonaro e sua posição negacionista da história, do não reconhecimento da ditadura militar entre outros absurdos. Isso tem mobilizado muito as atenções, mas, ao mesmo tempo, já vinha acontecendo no Brasil um movimento nessa direção durante os governos anteriores que também colocaram em cena outras questões importantes, por exemplo, a questão das políticas de inclusão social, das políticas reparatórias e isso obviamente passou a dar uma evidência maior ao presente à luz da importância na vida social e política dos direitos várias minorias, negras, indígenas, das minorias chamadas hoje LGBT. Nos últimos anos, os governos de esquerda tanto do Lula, quanto da Dilma Rousseff,⁷⁵ eles trabalharam muito no reconhecimento dessas demandas para as quais eles começaram a criar políticas de inclusão e de respeito, de acesso e de conquista de direitos. O outro governo, de triste memória, o qual terminou recentemente, foi exatamente na direção

⁷² Maurice Halbwachs (1877-1945), psicólogo e sociólogo francês da escola Durkheimiana. Autor, entre outros, de *La mémoire collective*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950, (Bibliothèque de sociologie contemporaine).

⁷³ Walter Bendix Schönflies Benjamin (1892-1940), filósofo alemão ligado “às correntes de pensamento da tradição marxista, sendo considerado uma das principais figuras da Escola de Frankfurt [com] contribuições para os campos da filosofia, estética, teoria e crítica literária ou teoria da arte e da história”. <https://www.circulobellasartes.com/biografia/walter-benjamin/> Autor, entre outros, de *Philosophie der Geschichte These*, ensaio composto em 1939-40, pouco antes de sua morte, e publicado postumamente. Veja a edição em espanhol *Tesis sobre la historia y otros fragmentos*, edición, transcripción e introducción de Bolívar Echeverría, México, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Itaca, 2008.

⁷⁴ Jean Paul Gustave Ricoeur (1913-2005), filósofo e antropólogo francês, renovou a questão da interpretação em diálogo com a linguística, a teologia, a literatura, a história e a psicanálise, combinando a descrição fenomenológica com a interpretação hermenêutica. Além disso, “aborda temas como a vontade, a ação, a identidade, a questão do tempo, a história, a interpretação, a linguagem, o texto e a realidade”. A sua visão profunda das ciências humanas permite um pensamento responsável e reflexivo sobre a existência humana. <https://herder.com.mx/es/libros-books/paul-ricoeur/jean-grondin/herder> Autor, entre outros, de *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Seuil, 2000, [*La memoria, la historia, el olvido*, México, Fondo de Cultura Económica, 2004].

⁷⁵ Dilma Vana Rousseff (n. 1947) primera mujer presidenta de Brasil por el Partido de los Trabajadores entre 2011 y 2016. Tomás Fernández y Elena Tamaro, “Biografía de Dilma Rousseff”. En *Biografías y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea*, Barcelona, 2004, <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rousseff.htm>.

oposta para tentar massacrar esses grupos, negar suas demandas, desrespeitar direitos já conquistados. Se criou uma espécie de agenda, ideologicamente sustentada, uma verdadeira guerra contra a cultura, contra as artes, contra a universidade, contra o livre pensamento. O que produziu uma série de tensões e mobilizou bastante os jovens, que hoje em dia estão muito mais inclinados a se alinhar com estas questões do que com as agendas do passado. Mas é evidente que também não estão afastados delas. Pelo contrário, acredito que essas questões têm sido motivadoras extremamente importantes para que eles repensem o conhecimento do passado na historiografia brasileira desde os anos 1980. Esta última foi extremamente renovada em várias áreas, particularmente na área dos estudos sobre a escravidão, que levantou questões sobre as conexões atlânticas e, sobretudo, procurou mostrar a população escravizada como sujeitos da história. Outra área em que também houve uma renovação da historiografia foi a dos estudos sobre a história do livro, da leitura e da edição. Mostrou-se que o elevado número de analfabetos nunca impediu a leitura, nem a dinâmica da alfabetização, porque esta foi muitas vezes acompanhada pelo suporte da oralidade, pelas interações entre o escrito e o oral, pela constatação de que nem todos tinham acesso à escolaridade, ao letramento, ou seja, os instrumentos da escrita ou da leitura mas saídas foram encontradas para superar e contornar o que essa interdição para a inserção de negros, de pobres e de mulheres na sociedade. Como é que os grupos sociais lutaram para superar isso, e como que eles criaram caminhos próprios e alternativos para suprimir essa questão, são pontos que abrem janelas nos estudos historiográficos. Esses estudos também vieram mostrar a importância das mulheres, sobretudo historiadoras nesses campos de estudos, o que também é algo que foi extremamente importante, a empatia das mulheres com esses grupos sociais, sempre tentando buscar onde que está o leitor, o tipo de leitor, a trajetória dos leitores. Estes estudos, seja sobre o escravismo e as relações atlânticas, seja sobre livros, leitura e leitores, têm alimentado políticas públicas de inclusão e de reparação, também políticas de Estado em torno da leitura, das bibliotecas, etc. No Brasil hoje uma área importante da renovação historiográfica é dos estudos sobre a teoria e história da historiografia, a qual tem colocado em questão as várias dimensões da temporalidade histórica e, assim, impulsionado as reflexões sobre os conceitos mesmos de passado, de presente e de futuro, sobre o atualismo, entre outros, o que tem atraído e interessado de muitos jovens. No conjunto, de uma certa forma, essas têm sido uma motivação para que revisitem o passado com novas temáticas e aberturas novas para a investigação. Ainda que hoje em dia impere essa perspectiva de que na história é a relação com o presente é que é fundamental. Eu acho que o [Dominick] LaCapra fala uma coisa que eu gosto muito, quando ele vai falar da questão da história e diz que a história não tem que trazer conforto, ao contrário ela tem que provocar uma angústia, interpelar, obviamente com certos limites.⁷⁶ Muitos jovens professores e estudantes de história estão muito alinhados com as pautas e com as questões do presente sem perder de vista essa perspectiva das durações. Acho que muitas dessas inquietações já estavam latentes no passado. E que hoje estão vindo à tona, estão sendo resgatados de uma certa forma. Então eu acho que tem um movimento aí que é muito positivo.

⁷⁶ Dominick LaCapra, *Historia en tránsito. Experiencia, identidad, teoría crítica*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2006.

¿La historia es para unos pocos o es para todos? Tú escribes libros que son, sobre todo a profesionales de la historia, pero también escribes textos o das conferencias para estudiantes. Sin embargo, el público en general también se interesa por la historia. ¿De qué forma nos acercamos a ese público y por qué es importante darle a conocer una historia profesional bien hecha?

Sim, eu acho que isto é fundamental. É claro que temos que pensar que a história tem que ser uma construção rigorosa que lide com sua “matéria” de maneira, sistemática e crítica. Mas é importante que as pessoas da sociedade possam se dar conta de que a história, e não só ela, é algo que pode estar acessível -a história é feita pelos historiadores-, mas os sujeitos sociais também eles podem -e o fazem mesmo sem saber- se acercar da produção da história. Isso também é alguma coisa extremamente importante. Estamos vivendo uma época que temos por exemplo a chamada história pública; em que se quer que a história dos historiadores fique mais próxima e faça sentido para o grande público, mas acima de tudo que todas as pessoas de uma certa forma pensem historicamente. E para além de pensar historicamente, mas também que elas possam eventualmente, contribuir com pequenos registros, com reflexões de experiências, com materiais documentais pessoais, familiares, da sua vida escolar, e que na escola os alunos possam dar a sua contribuição. Eu acho que é algo fundamental e que as pessoas possam ter um contato mais íntimo e mais real com a história. Eu noto por exemplo aqui no Brasil, que as pessoas estão buscando tornar a história acessível, mas eles tão tentando sobretudo colocar a história próximo ao vivido das pessoas. Muito dos esforços hoje, no sentido da memória, de introduzir em tudo um certo questionamento memorial, tem a ver com uma necessidade também do presente. Os historiadores eles estão tentando colocar a história próxima das pessoas, mas muitas pessoas esperam que a história se coloque de uma certa maneira a seu serviço. Eu não gosto dessa palavra, e é perigoso falar dos historiadores se colocando a serviço da memória, como se a história e a memória fossem coisas apartadas. Mas eu reconheço que há hoje o interesse entre o grande público, aquelas pessoas que têm um interesse todo especial pela memória de uma forma quase militante no sentido de fazer justiça, de defender a memória de certos grupos sociais com os quais eles tem empatia ou nexos ou conexões. Isto é importante também, e leva a um trabalho de historiador por parte daqueles que são também, a seu modo, historiadores da memória. É preciso construir nexos empáticos. Porque a história não é uma coisa que está confinada no passado; a historiografia pensa essas dimensões do presente, do passado, quando ele pensa o futuro do presente, o futuro do passado. Todas essas perspectivas vieram aproximar muito mais os sujeitos da história, e também os historiadores dos outros sujeitos para quem eles escrevem também, no sentido de romper certas dicotomias entre o passado e o presente ou entre o presente e o futuro, porque no fundo é preciso mostrar exatamente essa imersão nas temporalidades. Penso nas durações, como é que há coisas do passado que estão aí no presente, que estão sendo agora retomadas por exemplo no presente ou estão sendo reconstruídas nesse presente criando perspectivas inclusive novas de futuro. Essa aproximação, com as pessoas que não são, digamos, especialistas na história, ela é fundamental, e inclusive ela pode nutrir os dois lados e ela pode fazer romper uma ilusão: achar que a história é feita só pelos historiadores. A história não é feita só pelos historiadores, sem falar que existe a cultura e, no seu interior as culturas históricas, que se sedimentaram em certas sociedades e que são formas com a qual a sociedade também lida com a história, e a memória, e ao lidar com a história elas produzem

história também. Elas orientam a ação das pessoas historicamente. Em que pese que o trabalho do historiador de ofício é aquele trabalho que vai implicar, sem dúvida nenhuma, no necessário rigor teórico conceitual, em questões colocadas ao tema, na construção de temporalidades, na pesquisa direcionada criteriosamente, no diálogo com o conhecimento já estabelecido sobre o tema, enfim, uma tarefa que demanda algumas formalidades de procedimento. Isso não significa que só o historiador faz história. O ideal é que haja um diálogo entre partes.

Vou só colocar uma precisão final. Sobre esse ponto que você colocou da questão de fazer e falar, para estudantes ou um público mais vasto que não é de história, eu acho que primeira coisa que é importante deixar claro que nós falamos a partir de um lugar. E nós falamos desse lugar, da universidade, falamos a partir dessa formação de historiadores que nós temos, embora falemos como pessoas que se submetem às instituições e aos procedimentos da disciplina histórica. Assumimos isso e é preciso deixar claro para as pessoas que o que nós fazemos: nós nunca deixamos de construir o nosso objeto. A história é uma construção, mas é uma construção, ao mesmo tempo, intelectual, que nós nos formamos ou nos preparamos para tecnicamente fazer uma análise crítica do material com o qual nós trabalhamos: o exercício de cumprir a crítica, trabalhar e fazer uma análise e elaborar uma espécie de discurso crítico sobre o passado. Ou seja, nós não fazemos essas coisas da nossa cabeça, existem regras, existem procedimentos, nós somos inclusive avaliados e julgados pelos nossos pares. Portanto, o discurso sobre o passado que nós construímos é um discurso que tem muitos constrangimentos, muitas exigências e nós prestamos conta disso que nós construímos.

A prática da história implica essa construção do seu objeto. Apesar disso, temos que deixar claro e até de uma forma, eu não diria humilde, mas compartilhada com as outras pessoas que nos escutam, como é que nós fazemos história, mas que a história é também a elaboração de um processo social que também é coletivo, e não só um processo que cria vínculos e relações que são revisitados entre os homens do passado e os homens do presente. Nós revisitamos e buscamos estabelecer os vínculos entre os homens do passado e do presente. Então nesse sentido, nós não trabalhamos só para nós mesmos. E não só porque seguimos os ditames da nossa área, da nossa disciplina. E lembro aqui uma expressão do Thompson que falava de um Tribunal de Recursos da disciplina.⁷⁷ Sim, nós prestamos contas a essa comunidade disciplinar, composta de historiadores, mas, ao mesmo tempo, o trabalho que nós fazemos tem uma dimensão coletiva. Assim, de uma certa forma, com o nosso trabalho somos um pouco mediadores também, nós revisitamos os elos, os vínculos entre os homens do passado e do presente. Então nisso aí nós estamos todos juntos. E as pessoas na sociedade são obviamente homens e mulheres no presente que estão ali também buscando encontrar na história suas respostas e inquietações. Embora que as vezes, como eu tinha falado antes, citando o LaCapra, a história provoque mesmo uma certa inquietação, gere angústia, mas se for dentro de certos limites toleráveis está bom. E ao mesmo tempo precisamos mostrar que buscamos esses vínculos e nexos que ligam os homens do passado e do presente.

⁷⁷ E. P. Thompson, *Agenda para una historia radical*, Barcelona, Crítica, 2000, (Historia y Teoría).

También ponemos en contacto a comunidades de distintas partes del mundo. Tú has hablado de una dimensión colectiva de la historia y existen estas asociaciones como el Comité Internacional de Ciencias Históricas, de cuya Mesa Directiva formas parte. Me gustaría que me hablaras un poco de tu participación y tu cercanía al CISH desde aquel congreso de Australia en 2005. Te considero una mediadora cultural, porque has intentado acercar a colegas de diferentes países a esta asociación, para que podamos permanecer conectados y mantener un diálogo que enriquezca la investigación, los intercambios, la cultura y, finalmente, la profesión de la historia a la que ambas pertenecemos. Háblame un poco de esto.

Sim, eu acho que o CISH tem esse lado extremamente interessante. Ele se dispõe a fazer essa mediação e a organizar, por exemplo, a cada cinco anos, o Congresso Internacional. A forma como o CISH faz isto é muito positiva, porque ele busca exatamente conectar não só pesquisadores vindos de associações nacionais de história e de organizações internacionais de pesquisa do mundo inteiro, mas ele busca conectar problemáticas, temáticas, inquietações, formas de abordagem da história e, ao mesmo tempo, ele cria a oportunidade não só para um diálogo comum do ponto de vista dos temas a serem enfrentados, mas também no sentido de que fiquem claras as diferenças, as multiplicidades, as temporalidades, os diferentes enfoques, as diferenças de abordagem e de perspectiva na história e na historiografia. No seu congresso é possível conhecer como os historiadores de diferentes países e de regiões com suas especificidades históricas próprias transitam na historiografia, frequentam temas congêneres e trazem contribuições para pensar uma determinada temática. O trabalho do CISH possibilita a comunicação entre as diversas produções historiográficas, as diversas criações também intelectuais no campo da historiografia, e ao mesmo tempo, ele assegura o diálogo entre interlocutores e com isso, ele está assegurando uma troca de comunicação. Eu acho que ao mesmo tempo permite, que a historiografia seja pensada não só em termos de uma historiografia nacional, mas também em termos das suas conexões para além do nacional, sobretudo com o advento da história global, ainda que para muitas pessoas é difícil sair às vezes do campo das historiografias nacionais por conta dos apoios de pesquisa recebidos, por conta das demandas nacionais que e colocam aos historiadores, etc. Hilda Sabato fez uma excelente reflexão sobre isso em congresso da AHILA em Berlim.⁷⁸ Ha temas que nos interessam mais de perto enquanto grupo, mas de qualquer maneira, enquanto nacionalidade; eu acho que é preciso pensar que a história ela não se dá simplesmente no âmbito dos recortes nacionais. Eles existem, foram criados, mas na realidade eles não podem nos asfixiar e a história não fica restrita a eles. As diferentes conexões existentes são fundamentais de serem entendidas, sobretudo porque os estudos transnacionais cada vez mais tem mostrado essas conexões. E elas se dão através das fronteiras; vamos pensar, por exemplo, a história do mundo moderno que é uma história das conexões. Também é interessante pensar no mundo antigo, ver o que foi mudando, o que foi movimentando e fez com que a cena ficasse interessante com as diferentes conexões, não importando os limites, e a amplitude delas. No mundo contemporâneo globalizado então. O CISH provoca indiretamente o estudo delas e possibilita isso pois, nesses encontros, se cria a oportunidade de colocar em questão as convenções que nós estamos habituados ao pensar determinados temas. Os contrastes forçam

⁷⁸ Hilda Sabato, “Historia latinoamericana, historia de América Latina, Latinoamérica en la historia”, *Hispanic American Historical Review* on line, 31 de octubre de 2014, <https://hahr-online.com/tag/hilda-sabato/>

isso. Então, você é levado a sair da sua zona de conforto para tentar, no contraste, pensar as convenções diferentes, os diferentes caminhos para se pesquisar um tema, enfrentar um impacto de um acontecimento, para se pensar as transformações, as reformulações. Ao mesmo tempo, também nos permite pensar a dimensão temporal das comunicações da história. Isso também é muito interessante, quando você lida com essa dimensão mais transnacional, mais global, e o CISH possibilita na prática, esse contato que nós já experimentamos muitas vezes nas nossas produções historiográficas. Ele propicia que interpelemos as diferentes temáticas, objetos, contextos, interpretações e temporalidades no interior das sessões, de distintas modalidades, que compõe seu congresso e organizam os diálogos entre as várias apresentações e por vezes entre escolas de conhecimento. O CISH também busca assegurar a visibilidade das historiografias oriundas de diferentes espaços geográficos intelectuais, culturais. Há uma questão que tem que ser dita, sobre o universo de circulação. Na área de história temos vários congressos em diferentes lugares, nós temos associações de historiadores, de pesquisa por temas, etc., e ao mesmo tempo, nós temos editoras que encampam certas iniciativas de obras que são coletivas de diferentes pesquisadores e de diferentes lugares do mundo. Entretanto esse universo, geralmente instigante no campo da historiografia, tem também algumas questões contraditórias e por vezes complexas. Porque muitas vezes, nós temos também os grupos, regiões e línguas hegemônicos. O CISH possibilita a perspectiva de esbater esses aspectos. Ele traz a possibilidade de uma interação e de uma circulação mais efetiva, e um pouco mais igualitária, sem essa pressão que ocorre muitas vezes, por exemplo, nas edições ou que ocorre em certos grupos de pesquisa cuja padrão de sociabilidade implica e reforça as hegemônias e o estabelecimento de *main streams*. Os congressos do CISH permitem a quebra da ideologia da globalização e de projetos hegemônicos muitas vezes existentes no interior da historiografia pela possibilidade de relações, interações e circulação do conhecimento histórico produzido em escala mundial. O CISH é um espaço que proporciona exatamente um tipo de interação e de circulação para além do recorte nacional, é um espaço nesse ponto democrático, no sentido de permitir, de incentivar que as diferentes historiografias, os diferentes grupos de pesquisa, temas, períodos históricos trabalhados tenham todos ali uma condição igualitária, uma cidadania. Essa é uma das coisas mais importantes do CISH, e que vale a pena a gente estar dentro dele.

Te agradezco mucho esta plática tan enriquecedora. Estoy muy contenta de haber podido hablar contigo desde distintas partes del mundo gracias a la tecnología. Muchas gracias Eliana.

Obrigada, Verônica. Eu que agradeço a oportunidade.

Transcrição de Nicolas Jaramillo Giraldo

BIBLIOGRAFIA DA ENTREVISTA COM ELIANA DUTRA

- Adorno, Theodor Ludwig Wiesengrund, *The authoritarian personality*, Nueva York, Harper & Brothers, 1950.
- Adorno, Theodor Ludwig Wiesengrund, *La personalidad autoritaria*, Buenos Aires, Editorial Proyección, 1965.
- Baczko, Bronislaw, *Les imaginaires sociaux. Mémoires et espoirs collectifs*, Paris, Payot, 1984.
- Baczko, Bronislaw, *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1991.
- Barbosa da Silva, Christiano, “Claude Henri Gorceix: the man, teacher and work”, *Revista Escola de Minas*, vol. 67, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 319-340.
- Bataillon, Gilles, “Claude Lefort, pensador de lo político”, *Nueva Sociedad*, núm. 281, mayo-junio, 2019, <https://nuso.org/articulo/claude-lefort-pensador-de-lo-politico/>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Benedito Dias, Reginaldo, “A história da Ação Popular”, *A Terra E Redonda Eppur Si Muove*, 25 de agosto de 2021, <<https://aterraeredonda.com.br/a-historia-da-acao-popular/>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Benjamin, Walter Bendix Schönflies, *Tesis sobre la historia y otros fragmentos*, editada, transcrita e introducida por Bolívar Echeverría, México, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Itaca, 2008.
- Bonilla Sánchez, Arturo, “Paul M. Sweezy. Un gran marxista -In memoriam”, *Problemas del desarrollo*, vol.36, núm. 140, Ciudad de México, ene.-mar., 2005 https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0301-70362005000100010. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Braudel, Fernand, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, París, A. Colin, 1949.
- Braudel, Fernand, *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, México, Fondo de Cultura Económica, 1953.
- Braudel, Fernand, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme (XV-XVIII siècles)*, París, Armand Colin, 1967.
- Braudel, Fernand, *Civilización material, economía y capitalismo, siglos XV-XVIII*, Madrid, Alianza Editorial, 1984, 3 vols.
- Capel, Horacio, “Pierre Deffontaines y el desarrollo de la Geografía Humana”, *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, (Serie documental de *Geo Crítica*), Universidad de Barcelona, vol. xiv, núm. 810, 25 de enero de 2009, <<https://www.ub.edu/geocrit/b3w-810.htm>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.] Deffontaines, Pierre, *El Brasil, la tierra y el hombre*, Barcelona, Editorial Juventud, 1944.
- Cápua, Cláudio de, *Plínio Salgado: Biografía*, São Paulo, Editor Ação, 1993.

- Castoriadis, Cornelius, *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. <https://encyclopaedia.herdereditorial.com/wiki/Autor:Castoriadis,_Cornelius>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Cegarra, José, “Fundamentos Teórico-Epistemológicos de los Imaginarios Sociales”, *Cinta moebio*, núm. 43, 2012, pp. 1-13, <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-554X2012000100001&lng=es&nrm=iso>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Cooper-Richet, Diana, “The National Federation of Miners, contribution to the history of French trade-unionism before ww1 (1883-1914)”, tesis doctoral, París, Sorbonne Université, 1976.
- Cooper-Richet, Diana, *Clase obrera y literatura: ensayos sobre representaciones y fenómenos de aculturación (siglos XIX y XX)*, São Paulo, Editora Fap-UNIFESP, 2013.
- Cooper-Richet, Diana, *Le Peuple de la nuit. Minas y mineros en Francia (siglos XIX-XX)*, París, Perrin, 2011.
- Dobb, Maurice Herbert, *Studies in the development of capitalism*, Londres, George Routledge, 1946.
- Dobb, Maurice Herbert, *Estudios sobre el desarrollo del capitalismo*, Buenos Aires, siglo XXI Argentina, 1971.
- Durán R. A., Norma, “François Hartog, la historia y el ‘presentismo’ del presente” en Norma Durán R. A., (coord.), *Epistemología histórica e historiografía*, México, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, 2017, pp. 257-290 (Biblioteca de Ciencias Sociales y Humanidades. Colección Humanidades. Serie Estudios).
- Dutra, Eliana de Freitas (org.), *O Brasil em Dois Tempos. História, Pensamento Social e Tempo Presente*, Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- Dutra, Eliana de Freitas et Jean-Yves Mollier (eds.), *Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. Brasil, Europa e Américas. Séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006, Dutra, Eliana de Freitas y Jean-Yves Mollier (eds.), *L’Imprimé Dans la Construction de la Vie Politique. Brésil, Europe et Amériques (XVIIIe-XXe Siècles)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes (PUR), 2015.
- Dutra, Eliana de Freitas, “Comportamento operário nas Minas Gerais. Belo Horizonte/Juiz de Fora, 1917-1930”, tesis de maestría en Ciencias Políticas, Belo Horizonte, Brasil, Universidad Federal de Minas Gerais, UFMG, 1981.
- Dutra, Eliana de Freitas, *Caminhos operários nas Minas Gerais. Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na primeira República*, São Paulo, HUCITEC/IINL, 1989.
- Dutra, Eliana de Freitas, “O Ardil Totalitário ou a Dupla Face na Construção do Estado Novo no Brasil”, tesis de Doctorado en Historia Social, São Paulo, Brasil, Universidad de São Paulo, 1990.
- Dutra, Eliana de Freitas, *O Ardil Totalitário. Imaginário Político no Brasil dos Anos 30*, Río de Janeiro/Belo Horizonte, Editora UFRJ/Editora UFMG, 1ª edición 1997, 2ª edición 2012 (impresión).
- Dutra, Eliana de Freitas, “La fusion des races comme lieu de mémoire”, *Diogenes*, núm. 191, automne, 2000, Paris, pp. 32-46.

- Dutra, Eliana de Freitas, *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*, Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- Fernández, Tomás y Elena Tamaro, “Biografía de Dilma Rousseff” en *Biografías y vidas. La enciclopedia biográfica en línea*, Barcelona, 2004. <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rousseff.htm>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Ferretti, F., “Pierre Deffontaines et les missions universitaires françaises au Brésil: enjeux politiques et pédagogiques d'une société savante outremer (1934-1938)”, *Cybergeo*, 2014, <<http://cybergeo.revues.org/26645>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Fontes, Paulo y Barbosa Macedo, Francisco, “Interview with Michael Hall”, *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 29, núm. 59, sep-dic, 2016, pp. 813-1846. <<https://www.scielo.br/j/eh/a/vVq8zGzw4Fw9D5fq5WW8VdH/?lang=pt>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Freud, Sigmund, *Die Traumdeutung*, Leipzig & Viena, Franz Deuticke, 1899.
- Freud, Sigmund, *La interpretación de los sueños*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1923.
- García-Allen, Jonathan, “Sigmund Freud: biografía y obra del célebre psicoanalista”, 30 de mayo de 2015, Portal Psicología y Mente. <<https://psicologiamente.com/biografias/sigmund-freud>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- “George Rudé y la historia desde abajo”, *No cierras los ojos. Grupo Akal*, 12 de abril de 2018. <<http://www.nocierraslosojos.com/george-rude-historia-abajo/>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Gómez García, Pedro, “Claude Lévi-Strauss. Vida, obra y legado de un antropólogo centenario”, *Gazeta de Antropología*, 2010, núm. 26. <https://www.ugr.es/~pwlac/G26_01Pedro_Gomez_Garcia>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Gonçalves Vidal, Diana, “80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate”, *Educação e Pesquisa*, Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, vol. 39, núm. 3, jul.-set., 2013, pp. 577-588.
- Grosso, Alejandro, *Los dos príncipes: Juan D. Perón y Getulio Vargas: Un estudio comparado del populismo latinoamericano*, Buenos Aires, Editorial Eduvin, 2009.
- Halbwachs, Maurice, *La mémoire collective*, París, Presses Universitaires de France, 1950 (Bibliothèque de sociologie contemporaine).
- Hall, Michael McDonald y Paulo Sérgio Pinheiro, *A classe operária no Brasil: 1889-1930*, v. 1, *O movimento operário*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1979 y v. 2, *Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*, São Paulo, Brasiliense/Campinas, Funcamp, 1981.
- Hartog, François, *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*, París, Le Seuil, 2002.
- Hill, Christopher, *The World Turned Upside Down: Radical Ideas During the English Revolution*, Londres, Maurice Temple Smith, 1972.
- Hill, Christopher, *El mundo trastornado. El ideario popular extremista de la Revolución inglesa del siglo XVII*, Madrid, Siglo XXI, 2015.
- Hobsbawm, Eric y Terence Ranger, *The invention of tradition*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- Hobsbawm, Eric y Terence Ranger, *La invención de la tradición*, Barcelona, Crítica, 2002.
- Hobsbawm, Eric, *The Age of Revolution: Europe 1789-1848*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1962

- Hobsbawm, Eric, *The Age of Capital, 1848-1875*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1975.
- Hobsbawm, Eric, *The Age of Empire, 1875-1914*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1987.
- Hobsbawm, Eric, *La era del capital (1848-1875)*, Barcelona, Crítica, 1988.
- Hobsbawm, Eric, *The Age of Extremes: the short twentieth century, 1914-1991*, Londres, Michael Joseph, 1994.
- Hobsbawm, Eric, *Historia del siglo XX*, Barcelona, Crítica, 1998.
- Hobsbawm, Eric, *La era del Imperio (1875-1914)*, Barcelona, Crítica, 1998.
- Hobsbawm, Eric, *La era de la revolución*, Barcelona, Editorial Crítica, 2003.
- Kantorowicz, Ernst, *Los dos cuerpos del rey*, Madrid, Alianza, 1985.
- Kochakowicz, Leszek, “El Diablo”, *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- Lacan, Jacques Marie Émile, *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, París, Librairie E. Le François, 1932.
- Lacan, Jacques Marie Émile, *De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1998.
- LaCapra, Dominick, *Historia en tránsito. Experiencia, identidad, teoría crítica*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2006.
- Lavanderos Yáñez, Tanya Patricia y Angeles Trujano, Georgina Yescas, “El efecto del gobierno de Luis Inácio Lula da Silva y la renovación de la izquierda latinoamericana: iel modelo brasileño como opción de responsabilidad económica y justicia social!”, tesis de licenciatura en Relaciones Internacionales, Puebla, Universidad de las Américas, 2005. <http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lri/lavanderos_y_tp/>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Lefort, Claude, *Le travail de l'oeuvre. Maquiavelo*, París, Gallimard, 1972.
- Lefort, Claude, *A invenção democrática*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- Lévi-Strauss, Claude, *Les structures élémentaires de la parenté*, París, PUF, 1949.
- López Rico, N., “El largo camino de la ciudadanía en Brasil: entrevista a José Murilo de Carvalho”, *Meridional. Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, núm. 6, 2016, pp. 163-178. <<https://scholar.google.com.uy/citations?ImwNN1IAAAAJ:u-x6o8ySG0sC>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Marson, Adalberto, *A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres*, São Paulo, Editoras Duas cidades, 1975.
- Marson, Adalberto y Angela M. C. Araújo, de *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*, São Paulo, Scritta, 1997.
- Meiksins Wood, Ellen, “Christopher Hill y la recuperación de la historia”, *Sinpermiso*, 16 de octubre de 2022. <<https://www.sinpermiso.info/textos/christopher-hill-y-la-recuperacion-de-la-historia>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Mollier, Jean-Yves, *Le commerce de la librairie en France au XIXe siècle (1798-1914)*, París, IMEC éd., Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1997.
- Moritz Schwarcz, Lilia, *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

- Murilo de Carvalho, José, *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- Murilo de Carvalho, José, *Desenvolvimento de la ciudadanía en Brasil*, México, Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1995 (Fideicomiso Historia de las Américas).
- Murilo de Carvalho, José, *La formación de las almas: el imaginário de la República en Brasil*, Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- Narvaiza, Alvaro, “Jacques Lacan: aportes al psicoanálisis desde la teoría Lacaniana”, Centro Psicológico Madrid, <<https://www.psicologiamadrid.es/jacques-lacan-aportes-al-psicoanalisis-desde-la-teoria-lacaniana/>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Nora, Pierre (dir.), *Les Lieux de mémoire*, París, Gallimard, 1984-1992, 7 vols. 2ª edición París, Gallimard, 1997, 3 vols, (Quarto).
- Prestes, Anita Leocadia, “A actualidade da Aliança Nacional Libertadora” en Caridad Massón (dir.), *Las Izquierdas Latinoamericanas. Multiplicidad y Experiencias durante el Siglo XX*, Santiago, Ariadna Ediciones, 2017, pp. 79-95. <<https://books.openedition.org/ariadnaediciones/804?lang=es>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Reich, Wilhelm, *Die Massenpsychologie des Faschismus*, Colonia, Kiepenheuer und Witsch, 1971.
- Reich, Wilhelm, *Psicología de massa do fascismo*, São Paulo, Martins Fontes, 1972.
- Ricœur, Jean Paul Gustave, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, París, Seuil, 2000.
- Ricœur, Jean Paul Gustave, *La memoria, la historia, el olvido*, México, Fondo de Cultura Económica, 2004.
- Rudé, George, *The Crowd in the French Revolution*, Oxford, Clarendon Press, 1959.
- Rudé, George, *Revolutionary Europe, 1783-1815*, New York, Harper & Row, 1964.
- Rudé, George, *La multitud en la historia. Los disturbios populares en Francia e Inglaterra, 1730-1848*, México, siglo veintiuno editores, 1971.
- Rudé, George, *La Europa revolucionaria 1783-1815*, Madrid, siglo xxi, 1974.
- Sabato, Hilda, “Historia latinoamericana, historia de América Latina, Latinoamérica en la historia”, *Hispanic American Historical Review* on line, 31 de octubre de 2014. <<https://hahr-online.com/tag/hilda-sabato/>>. [Consulta: 12 de febrero de 2024.]
- Sweezy, Paul Marlor, *The Theory of Capitalist Development. Principles of Marxian Political Economy*, Nueva York, Monthly Review Press, 1942.
- Thompson, E. P., *The Making of the English Working Class*, Londres, Victor Gollancz Ltd., 1963.
- Thompson, E. P., *La formación de la clase obrera en Inglaterra*, prólogo de Josep Fontana, Barcelona, Crítica, 1989.
- Thompson, E. P., *Agenda para una historia radical*, Barcelona, Crítica, 2000 (Historia y Teoría).
- Vieira de Souza, Jessie Jane, *Círculos operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*, Rio de Janeiro, Ciências Humanas y Sociales-Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- Zárate Toscano, Verónica, “Entrevista con Roger Chartier” en Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora/Facultad de Filosofía y Letras-UNAM/Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 39-52.

- Zárate Toscano, Verónica, “Entrevista con Serge Gruzinski” en Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora/Facultad de Filosofía y Letras-UNAM/Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 101-120.
- Zárate Toscano, “Entrevista con Hilda Sabato” en Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora, Facultad de Filosofía y Letras-UNAM, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 284-297.
- Zola, Émile, *Germinal*, Paris, Charpentier, 1885 (Les Rougon-Macquart).

ELIANA DE FREITAS DUTRA BIBLIOGRAFIA ADICIONAL

Trabalhos em coautoria

- Boshi, Caio César y Eliana de Freitas Dutra, *Estudos Sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*, Belo Horizonte, Edição BDMG Cultural, 2018.
- Dutra, Eliana de Freitas y Giselle Martins Venâncio, “Clássicos do Ouro: Minas nas coleções Brasileiras” en José Newton Coelho Meneses (ed.), *Orbe e Encruzilhada. Minas Gerais 300 Anos*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2020, pp. 237-266.
- Dutra, Eliana de Freitas y M. H. Capelato, “Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira” en Ciro Flamarion y Jurandir Mallerba (eds.), *O Conceito de Representação - Perspectivas Interdisciplinares*, Campinas, Papirus, 2000.

Obras individuais

- “A Nação nos Livros. A Biblioteca Ideal na Coleção Brasileira” en Eliana de Freitas Dutra y Jean-Yves Mollier São Paulo (eds.), *Política, Nação e Edição. O lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. Brasil, Europa e Américas. Séculos XVII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006, pp. 299-314.
- “Almanaque Garnier: ensinando o Brasil a ler, ensinando a ler o Brasil” en Márcia Abreu (ed.), *História, Leitura e História da Leitura*, Campinas, Mercado das Letras, 1999, pp. 257-271.
- “Almanaque Garnier”, *Jornal O Tempo*, mayo, 2003, Belo Horizonte, p. 1.
- “Apresentação: Historiografia e História Intelectual”, *Revista Varia Historia*, vol. 31, núm. 56, mayo - agosto, 2015, Belo Horizonte, pp. 327-329.
- BH: Horizontes Históricos*, Belo Horizonte, C/Arte, 1996.

- “Brasil- Portugal. A República e os etnólogos do povo” em Cláudia Poncioni, José Manoel Esteves y José da Costa (eds.), *Écrire le passé et construire l'avenir: intellectuels, penseurs, écrivains: regards croisés Portugal-Brésil. 1910-2010*, Paris, Michel Houdiard Éditeur, 2013, pp. 310-328.
- “Circuitos da Mediação Intelectual no Brasil e na Argentina: literaturas nacionais e trocas culturais transnacionais” em Ângela Maria de Castro Gomes, Patrícia Santos Hansen (eds.), *Intelectuais Mediadores. Práticas Culturais e Ação Política*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016, pp. 216-260.
- “Clássicos do Ouro. Colecionismo Editorial nas Brasilianas”, *Actas IV Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*, Paraná, 2021, pp. 1-24.
- “Colóquio Internacional Política, Nação e Edição”, *Jornal Estado de Minas*, abril, 2003, Belo Horizonte.
- “Comentário do texto A Idéia e o Imaginário das Luzes de Maria Lúcia Montes”, *Tiradentes, Hoje: Imaginário e Política na República Brasileira*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1994, pp. 77-89.
- “Companhia Editora nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30”, *I Seminário sobre o Livro e a História Editorial*, Rio de Janeiro, 2004.
- “Cultura” em Angela de Castro Gomes (ed.), *Olhando para dentro, 1930-1964*, Rio de Janeiro, Mapfre/Objetiva, 2013, pp. 231-277.
- “Dans le sillage de Marco Polo - Serge Gruzinski et le tracé d'une nouvelle topographie pour l'histoire” em Bernand, Carmen Bernand, Eduardo França Paiva y Carmen Salazar-Sole (eds.), *Serge Gruzinski, Le Passeur Péréseverant*, Paris, CNRS Editions, 2017, pp. 421-433.
- “Editores, Intelectuais e a Coleção Brasileira” em Ivete Lara Camargo Walty, Maria Zilda Ferreira Cury y Sandra Regina Goulart Almeida (eds.), *Mobilidades Culturais: Agentes e Processos*, Belo Horizonte, Veredas & Cenários, 2009, pp. 125-141.
- “Entre a Melancolia e a Exaltação. Povo e Nação na Obra de Plínio Salgado” em *Proceeding of the Third BRASA Conferences*, Cambridge, Editora da University Cambridge, 1996, pp. 403-416.
- “Fernand Braudel e o mito da unidade estrutural” em Ivan Domingues, Hugo Mari y Júlio Pinto (eds.), *Estruturalismo, Memória, Repercussões*, Rio de Janeiro, Diadorin, 1996, pp. 253-263.
- “Frontières de la Culture et de la Civilisation au Brésil du XIXème siècle: Identité et alterité dans la Revista Popular-1859-1862” em Alain Vaillant; Marie-Eve Thérenty; Laura Suarez de La Torre (eds.), *Presse, Nations et Mondialisation*, Paris, Nouveaux Monde Éditions, 2010, pp. 161-179.
- “História e Historiadores na Coleção Brasileira: o presentismo como perspectiva?”, *O Brasil em Dois Tempos. História, Pensamento Social e Tempo Presente*, Belo Horizonte, Autêntica, 2013, pp. 47-76.
- “História e Memória nos Almanques Luso-Brasileiros: Escravidão, abolição e uma geografia do esquecimento”, *Actas da Sessões Temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro*, Lisboa, Editora da Universidade de Lisboa, 1997, pp. 311-324.

- “Historiadores e Cinema. Os filmes que a História não pode perder” en Jorge Ferreira y Marisa de Carvalho Soares (eds.), *A História vai ao cinema*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2001, pp. 34-51.
- “Histórias dentro da História”, *Jornal o Tempo*, 1997, Belo Horizonte, pp. 8-9.
- “Historiografia e Movimento Operário. O Novo em Questão” en *IV Encontro Estadual de História. Anais do IV Encontro Estadual de História*, Ouro Preto, 1984, pp. 79-99.
- “Historiografia Mineira: Tendências e Debates”, *x Encontro Regional de História. Anais do Evento*, Mariana, Editora da UFOP, 1996, pp. 7-15.
- “L'almanach des souvenirs luso-brésiliens(1851-1932).Un exemple d'échanges interculturels entre puissance coloniale et nation en formation” en Hans-Jürgen Lüsebrink, York-Gothart Nix, Jean-Yves Mollier y Patricia Sorel (eds.), *Les lectures du peuple. En Europe et dans l'amériques (xviii-xxe siècle)*, Bruxelles, Éditions Complexe, 2003, pp. 177-184 (Collection Histoire Culturelle).
- “La construction du Brésil métis chez l'historien Sérgio Buarque de Hollanda” en Serge Gruzinski (dir.), *L'Expérience Métisse. Actes du Colloque L'expérience Métisse*, Paris, Musée Quai Branly/Musée du Louvre, 2004, pp. 37-58.
- “La nation Dans Les Livres: la Bibliothèque Idéal dans la collection ‘Brasiliana’” en Eliana de Freitas Dutra y Jean-Yves Mollier (dir.), *L'Imprimé Dans la Construction de la Vie Politique. Brésil, Europe et Amériques (xviii- xxe Siècles*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2015, pp. 233-246.
- “Le Brésil Au-Delà des Frontières : La Collection Brésilienne et L'Institut National du Livre dans les Circuits Diplomatiques du Livre Brésilien” en Claude Hauser, Thomas Loué, Jean-Yves Mollier y François Valloton (eds.), *La Diplomatie para le Livre. Réseaux et Circulation Internationale de l'Imprimé de 1880 à nos jours*, Paris, Nouveau Mondes éditions, 2011, pp. 393-409.
- “Le Miroir de l'Histoire et les Images de la Nation. L'Invention d'une Identité Nationale au Brésil et ses contrastes avec ses voisins latino-américains” en *Proceeding History in Global Perspective: Proceedings of the 20th International Congress of Historical Sciences*, Sydney, Faculty of Art and Social Sciences/University of New South Wales, 2006.
- “Leitores de Além-Mar. A Editora Garnier e sua Aventura Editorial no Brasil” en Márcia Abreu y Aníbal Braganca (eds.), *Impresso no Brasil, dois séculos de livros brasileiros*, São Paulo, UNESP, 2011, pp. 67-87.
- “Meandros do Estado Novo”, *Jornal de resenhas- Folha de São Paulo*, São Paulo, agosto, 2000, São Paulo. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1208200006.htm>>. [Consulta: 15 de febrero de 2024.]
- “Mediação Intelectual e Percursos da Cultura no Brasil dos Anos 30” en Elenice Rodrigues y Eliane Kohler (eds.), *Travessias e Cruzamentos Culturais - A mobilidade em questão*, Rio de Janeiro, FGV, 2008, pp. 149-171.
- “Memória do Cárcere: do livro ao filme, do filme à História” en Jorge Ferreira y Marisa de Carvalho Soares (eds.), *A História vai ao cinema*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2001, pp. 149-160.

- “Movimento Operário: da fábrica ao bairro - das lutas ao conhecimento” *Anais do V Encontro Estadual de História*, Uberlândia, 1986, pp. 29-32.
- “O Ovo da Serpente - imaginário político no Brasil dos anos 30” *Anais do Seminário Sessenta Anos da Revolução de 30*, Belo Horizonte, 1991, pp. 115-146.
- “O que é Avançado em Ciências Humanas” em Carlos Antônio Leite Brandão (ed.), *A República dos Saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008, pp. 1-77.
- “O Trabalho do Historiador”, *Anais do I Encontro dos Cursos de História de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Editora da Faculdades Integradas Newton Paiva, 1995, pp. 17-22.
- “Páginas abertas à História”, *Jornal O Tempo*, abril, 2003, Belo Horizonte, p. 1.
- “Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano: intelectuais e trocas culturais.1930-1940”, *Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*, La Plata, Buenos Aires, UNLP/CONICET, 2012, pp. 1-21.
- “Revistas de Cultura no Brasil dos Oitocentos: Trânsitos e Apropriações. O caso da Revue des Deux Mondes e da Revista Brasileira” em Lucia Granja y Tânia Regina de Luca (eds.), *Supportes e Mediadores. A Circulação Transatlântica (1789-1914)*, Campinas, Editora da Unicamp, 2019, pp. 169-200.
- “Revolução de 30: O olhar de Pedro Nava”, *Estado de Minas*, outubro, 1990, Belo Horizonte, p. 2.
- “Se Existo não sou um Outro” em Eliana Regina de Freitas Dutra, Jorge Myers (eds.), *Os Desafios do Ser América Latina em Continente por Definir. As Ideias de América no século xx*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2022, pp. 27-78.
- “Sérgio Buarque de Hollanda viajante: o lugar da cultura em Caminhos e Fronteiras” em Carla María Junho Anastasia y Eduardo França Paiva (orgs.), *O Trabalho Mestiço. Maneiras de Pensar e Formas de Viver. Séculos XVI a XIX*, São Paulo, Annablume, 2002, pp. 27-38.
- “Sonhos Libertários”, *Estado de Minas*, septiembre, 1991, Belo Horizonte, p. 8.
- “Tempo e estrutura na unidade do mundo mediterrâneo” em Marco Antônio Lopes (ed.), *Braudel: tempo e História*, RJ, FGV, 2003.
- “The Mirror of History and Images of the Nation: The Invention of a National Identity in Brazil and its Contrasts With Similar Enterprises in México and Argentina” em Stefan Berger (ed.), *Writing the Nation. A Global Perspective*, Hampshire, New York, Palgrave/Macmillan, 2007, pp. 84-102.
- “The Revue des Deux Mondes in the context of transatlantic exchanges” em Márcia Abreu y Ana Cláudia Suriani Da Silva (eds.), *The Cultural Revolution of the Nineteenth Century: Theatre, the Book Trade, and Reading in the Transatlantic World*, London, New York, Tauris & Co. Ltd, 2016, pp. 121-138.
- “Visão do Paraíso e as marcas do intercuro cultural (no prelo)” em André Furtado y Giselle Venancio (eds.), *Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda, seis décadas de um ensaio*, Belo Horizonte, Traço Fino, 2021, pp. 36-48.
- “Venancio, Renato Pinto. Digital Resources: Intellectuals” em *Brazil. Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*, Oxford University Press, 2021, pp. 1-17.